a Liahona

NOVEMBRO DE 1965

STEREO

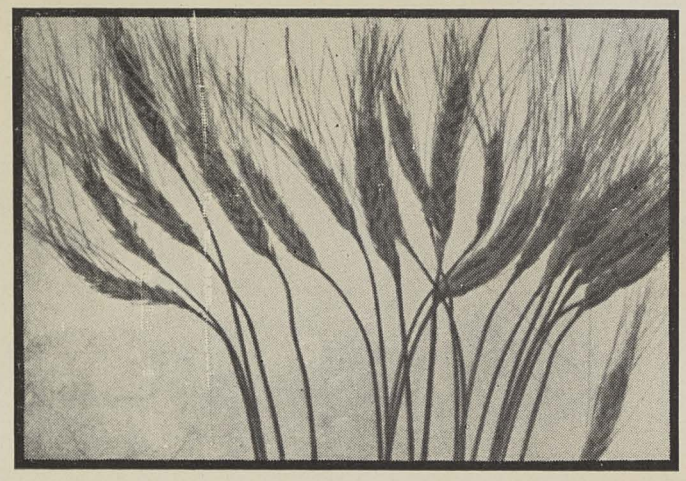
CBS MASTERWORKS

O PAI NOSSO

CÔRO DO TABERNÁCULO MORMON, Dr. Richard P. Condie, *Diretor*

THE PHILADELPHIA ORCHESTRA - EUGENE ORMANDY, Regente

Alexander Schreiner e Frank W. Asper, *Organistas*



Pai Nosso *(The Lord's Prayer)*
Vinde, oh Santos! *(Come, come ye Saints)*
Bem-aventurados os que choram *(Blessed are they that mourn)*
Oh, meu Pai! *(O, my Father)*
Da Côrte Celeste *(How great the wisdom and the love)*

Sanctus, Sanctus, Sanctus *(Holy, Holy, Holy)*
Salmo 148 *(148th Psalm)*
Eis um menino nos nasceu *(For unto us a Child is born)*
As lamentações de Davi *(David's Lamentations)*
Londonderry Air

Vencendo com Jesus *(Battle Hymn of the Republic)*

CBS

MONAURAL - 60098

● Robertson: *Pai Nosso (The Lord's Prayer)*
Num arranjo relativamente novo, o Côro interpreta esta apreciada e conhecidíssima elocução cristã tal como se encontra na parte final do **Oratório do Livro dos Mórmons**, de Leroy J. Róbertson. A cena é o Continente Americano, onde Cristo ressuscitado aparece entre as suas "outras ovelhas" e lhes ensina o mesmo evangelho que transmitiu aos judeus, inclusive esta sublime oração. A música tem marcadas conexões com o passado mais em sua acentuação de duração do que na sua acentuação dinâmica, e em suas linhas melódicas que diferem das do Canto Gregoriano. A sinceridade do estilo é típica de Leroy J. Robertson, natural de Utah, cuja posição como compositor genuinamente americano começa a ser reconhecida, tanto na América do Norte como em outros países. Estudioso de Chadwick, Leichtentritt e Bloch, o dr. Robertson revela em sua música uma linguagem que provém principalmente das montanhas e campinas do oeste e dos seus profundos sentimentos sôbre família e religião.

● Billings: *As Lamentações de Davi (David's Lamentations)*
Tanto quanto sabemos, William Billings (1746-1800) foi o primeiro compositor nascido na América a fazer da música profissão. Era antes curtidor, porém sua insatisfação diante da monotonia dos salmos usados pela igreja na época levaram-no a trocar o couro pelas pautas musicais. Se bem que grande parte das suas composições fosse vigorosa (inclusive **Chester**, um hino cantado pelas tropas americanas durante a Guerra de Independência), êle nos deixou nesta peça uma expressão profundamente comovente do pesar de Davi pela morte do filho, Absalão. O arranjo de Elie Siegmeister é singelo, respeitando a simplicidade da melodia.

● Londonderry Air: *(Arr. de Ralph Baldwin)*
Uma das coisas que atraíram a atenção do artista romântico do século XIX, ao examinar a vida através de lentes côr-de-rosa, foi o folclore de seu próprio país. Por qualquer razão, êle sentiu que a alma da nação estava tôda inteira na canção anônima do povo. Não poderíamos citar maior justificativa para êste interêsse do que **"Londonderry Air"** — trabalho de muitos campônios, cada qual tendo contribuido com uma pequena alteração na melodia. O resultado é uma canção que tem sido descrita como "a melodia perfeita" — motivo de inveja para muitos dos mais talentosos compositores citadinos. Tal como é cantada neste disco, no tom de mi-bemol, o contôrno melódico sobe três vêzes para a tonalidade de dó. Passa, então, para o tom de mi-bemol e finalmente, justamente quando os entendidos diriam que se iria atingir o ponto culminante, êstes afáveis campônios elevam intuitivamente a melodia até atingir a nota sol.

● Gounod: *Sanctus, Sanctus, Sanctus (Holy, Holy, Holy)* *(Sanctus, da Missa Solene)*
A voz de Richard Storrs abre esta linda e inspirada parte da Missa de Santa Cecília. Esta composição, um dos fragmentos universalmente mais apreciados da Liturgia Católico-Romana, revela as características francesas de pureza e sentimento religioso graciosamente apuradas, tão evidentes nas obras de Saint-Saëns e Massenet tanto quanto nas de Gounod.

● McIntyre: *Da Côrte Celeste (How Great the Wisdom and the Love)*
Outro hino de Eliza R. Snow, musicado por Thomas McIntyre, canta a gratidão pelas intenções e motivos que levaram o Salvador a ser "um sacrifício sem pecado pela culpa."

● Holst: *Salmo 148 (148th Psalm)*
Em contraste com o gracioso sentimento do francês Gounod ergue-se esta rude, porém majestosa manifestação do inglês Gustav Holst. Baseado nu'a melodia do Saltério Genebrês (1543) de L. Bourgeois e numa versão em versos do Salmo por Joseph Bryan (1620), a obra começa com o côro em oitavas vigorosas. A seguir o órgão toma conta da melodia enquanto se ouve uma delicada exposição de terças paralelas em forma de acompanhamento coral. Logo o puro timbre das vozes femininas neutraliza as masculinas, após o que é levada a um final contrapontístico que bem poderia provir do autor de "A Arte da Fuga". Os baixos entram em cena em tons tranquilizadores com a melodia do hino num crescendo e modulada ritmicamente de forma a ser ouvida como tempo duplo. Sôbre isto as outras vozes ondulam um contraponto no compasso ternário original, tôdas as partes construindo um glorioso "Alleluia" que requer dos sopranos um si-bemol alto.

● Gates: *Oh, Meu Pai! (O, My Father)*
Não foi por coincidência que Eliza R. Snow, que possuia profundo conhecimento dos ensinamentos do Profeta Joseph Smith, escreveu os versos para um dos cânticos mais doutrinàriamente significativos do hinário mórmon. Cantado com a música de u'a melodia de James McGranahan, o texto exprime a profunda saudade de um espírito separado, pelo nascimento, do seu celestial ambiente, e seu constante desejo de rehaver a presença do Pai e Mãe Celestiais. O arranjo do dr. Crawford Gates (aluno de Howard Hanson e Leroy Robertson) reflete o interêsse dêste jovem e talentoso compósitor pelo colorido orquestral e coral, como se sente na trompa **obligato** no segundo verso, que soa nostàlgicamente junto às vozes masculinas nas quando estas cantam a alienação das almas a um mundo anterior.

● Wilhousky: *Vencendo com Jesus (Battle Hymn of the Republic)*
De uma experiência estética com as flôres de macieira de Londonderry, passamos para uma combativa versão do Segundo Advento como oferta final nesta coleção de música sacra nas suas mais diversas formas. Ao preparar o arranjo desta música, Peter J. Wilhousky transmitiu às palavras tradicionais de Julia Ward Howe uma apresentação orquestral-coral que nos traz simultâneamente à lembrança os sons de batalha e o esvoaçar de anjos. O ritmo acelera-se, é temporàriamente interrompido por uma secção pastoral na qual o côro masculino contempla "a beleza dos lírios", e, depois, parte para uma exclamação final de "Glória! Aleluia! Amém!"

Notas de *JAY WELCH*
Diretor-Assistente do Côro do Tabernáculo

"CBS" ® Marcas Registradas - Industria Brasileira

Gravado nos EE. UU. por Columbia Records, uma divisão da Columbia Broadcasting System, Inc.

índice

Aquêle que será o chefe 6
O teatro na Igreja 8
Centro Cultural Polinésio 24
A Igreja expande as designações das Autoridades Gerais 26
Notas sôbre o viver 29
Artigo de capa 35

SEÇÕES

Mensagem de Inspiração 4
Genealogia 10
Sacerdócio de Melquisedeque 11
Sacerdócio Aarônico 12
Página Feminina 14
Juventude da Promessa 17
Escola Dominical 20
Meu Cantinho 22
Programa Noite Familiar 30
Sociedade de Socorro 34

a liahona

NOVEMBRO DE 1965

VOL. XIX — N.º 11

Órgão oficial das Missões Brasileiras da
A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Editôres
Gustav Salik
Hélio da Rocha Camargo

Redatora
Laís N. Manzotti

Fotógrafo
Wayne M. Beck

Tradutoras
Isabel P. Gaertner
Merly Pikel
Mirna Teixeira
Tereza Cristina da Rocha Costa

Circulação
Nilza Guimarães Aoto (MBS)

PREÇOS:

Exterior: ANO .... US$ 4.00
No Brasil: ANO ... Cr$ 500,00
Exemplar: ..... Cr$ 50,00

Missão Brasileira

R. Henrique Monteiro 215, C. P. 862, S. Paulo, SP, fone: 80-4638.

Missão Brasileira do Sul

R. Gen. Carneiro 490, C. P. 778, Curitiba, PR, fone: 4-8016

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar apenas os artigos solicitados pelos editôres.

Os artigos desta edição foram traduzidos de *The Improvement Era, The Instructor, The Relief Society Magazine* e *The Children's Friend.*

Registrado sob Nº 93 do Livro B, Nº 1 e Matrículas de Oficinas Impressoras Jornais e Periódicos, conforme Decreto Nº 4.857, de 9-11-1930. Composto e impresso na Edit. Gráf. Rossolillo Ltda. - R. Rui Barbosa, 333, S. Paulo.

Jóias do Pensamento

RICHARD L. EVANS

O JOIO E O TRIGO

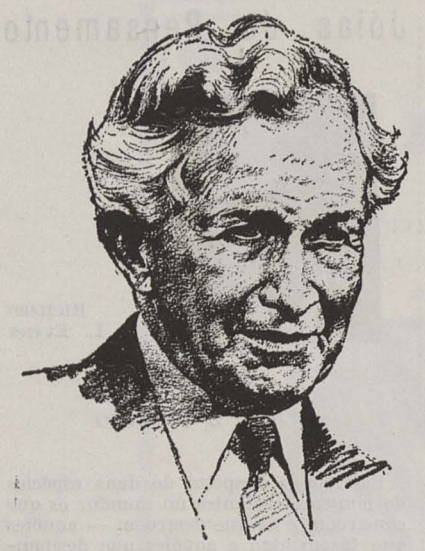
Falamos a respeito de duas espécies de homens existentes no mundo: os que constroem e os que destroem — aquêles que fazem algo e aquêles que desmancham muito do que já está feito. Citamos Phillips Brooks, que disse existir os "que contam o joio tão alto, que os campos ficam envergonhados." Os seguintes pensamentos, da mesma fonte, sugerem os benefícios e bênçãos do encorajamento e apreciação, e a fôrça destrutiva de dar muito valor ao lado negativo. "Seu filho, seu aluno ou seu servo — você poderá construí-lo ou destruí-lo. Você o destruirá se apontar tudo o que é ruim, cruel e ridículo nêle... o destruirá se o fizer sentir-se fraco e insignificante, levando-o ao desespêro. Você o destruirá se o fizer ter sentimentos vergonhosos para com sua própria vida. Por outro lado, você o construirá se... notar tudo o que é de bom em sua vida e impregná-lo com encorajamento e elogios. Você o construirá se reconhecer seus mais desajeitados esfôrços para fazer o que é certo; se o inspirar com confiança, se o fizer sentir-se digno de cultivar o bem, estudar, desenvolver-se. Dizer "bom trabalho" a qualquer mostra de esfôrço é confirmar e fortalecer. Mas se você nada tiver a dizer a seu filho, aluno ou servo, exceto que seu trabalho é mal feito, que está perdendo as oportunidades e valôres da vida, então você não o estará construindo, mas destruindo. Você, que está em posição de superintendência e autoridade: esforce-se por elogiar o que é bom, evitando criticar o mal. É tão fácil soprar sôbre o junco e quebrá-lo! Nunca deixe um esfôrço de boa vontade e verdade passar sem ser reconhecido..."

Encontramos isso na importante mensagem do Salvador, quando disse: "Não vim abrogar, mas cumprir" (Mateus 5:17).

Dentre os maiores dons que podemos dar, está o amor, a compreensão, o encorajamento e recomendação para tudo que deva ser encorajado e elogiado. Não pode haver realização na vida, se vivemos negativamente.

Abençoados são os que ajudam a construir as vidas dos homens.

Mensagem de Inspiração



Presidente David O. McKay

A VERDADEIRA FIN

A terra, com tôdas as suas maravilhas e majestade não se constitui na verdadeira finalidade e propósito da criação. "Minha glória," diz o Senhor, é "... conseguir a imortalidade e vida eterna do homem" (Moisés 1:39). E o homem, ao exercer o divino dom do livre arbítrio, deve sentir-se obrigado a ajudar seu Criador na realização dêsse propósito.

A verdadeira finalidade da vida não é a mera existência, prazeres, fama, riquezas. O verdadeiro propósito da vida é a perfeição da humanidade, através do esfôrço individual, sob orientação da inspiração divina.

A vida é, na realidade, a resposta do que possuimos dentro de nós. Estar vivo apenas para satisfazer apetites, prazeres, vaidade ou ambições e não com o propósito da bondade, delicadeza, pureza e amor, poesia, música, flôres, estrêlas, Deus e esperanças eternas, é privar-se da verdadeira alegria de viver.

Neste estágio físico da existência, o homem encontra atividade sob dois aspectos: Primeiro, na luta pela sobrevivência e confôrto e, segundo, na tendência de rastejar-se no pó. A primeira é natural e bem recomendável. A segunda é degradante e, quando não controlada, conduz o indivíduo ao nível dos animais. Quando um homem desenvolve o pensamento de que obterá sua subsistência injuriando seu próximo, começa naquele mesmo instante a restringir sua vida. A amargura substitui a felicidade; a sordidez suplanta a generosidade; o ódio toma o lugar do amor e a bestialidade substitui a condição de humano.

Há, geralmente, uma centelha divina no homem, que o impele a prosseguir e elevar-se. Cremos ser êsse poder que se acha dentro dêle, o espírito que vem de Deus. O homem viveu antes de vir à terra; e aqui permanece para tentar aperfeiçoar o espírito interior. Em alguma época de sua vida, todo homem se torna consciente do desejo de entrar em contato com o Infinito. Seu espírito busca a Deus. Êsse sentimento é universal e todos os homens deveriam estar, na mais profunda verdade, ocupados nessa mesma tarefa imensa, qual seja, a busca e o desenvolvimento da liberdade e paz espiritual.

Cada um de nós é o arquiteto do seu próprio destino; e é realmente desafortunado quando tenta edificar-se sem a inspiração de Deus, sem perceber que êle cresce interiormente e não exteriormente.

As árvores que permanecem em pé ante um furacão, muitas vêzes cedem às pestes que dificilmente podem ser vistas até mesmo no microscópio. De modo semelhante, os maiores inimigos da humanidade hoje em dia são influências sutís e por vêzes invisíveis, que agem na sociedade e estão minando os homens modernos.

Afinal de contas, a prova de fidelidade e eficiência do povo de Deus é individual.

As formas de tentação que chegam até nós podem ser três: (1) Tentação do apetite ou paixão; (2) Ceder ao orgulho, moda ou vaidade; (3) Desejo de bens materiais, poder e domínio sôbre terras ou posses terrenas.

EIRA FINALIDADE DA VIDA

Essas tentações chegam até nós em nossas reuniões sociais, em nossas competições políticas; surgem em nossos assuntos financeiros, na fazenda ou no estabelecimento comercial. É quando se manifestam na consciência de cada indivíduo, que se deve aplicar a defesa da verdade.

A Igreja ensina que esta vida é de provações. É dever do homem tornar-se mestre, não escravo da natureza. Seus apetites devem ser controlados e usados para o benefício de sua saúde e prolongamento de sua vida; suas paixões devem ser dominadas e controladas para a felicidade e bênçãos de outros.

A maior felicidade do homem surge quando êle se dedica ao bem de seu próximo. O adiantamento da ciência e das novas descobertas desde o princípio da história até o momento são resultantes dos esforços de homens que se sacrificaram, quando necessário, à causa da verdade.

Hoje há aquêles que enfrentaram desastres, que quasi os derrotaram e os tornaram assim amargurados em suas naturezas; mas se parassem para meditar, veriam que até mesmo a adversidade enfrentada poderia se constituir num enaltecimento espiritual. A própria adversidade pode conduzir-nos até Deus e não nos afasta d'Êle nem do esclarecimento espiritual; as privações podem provar que são uma fonte de energias, se conseguirmos manter a docilidade da mente e do espírito.

Se você tiver vivido sob a inspiração do Espírito Santo, e continuar a fazê-lo, a felicidade transbordará em sua alma. Se você se desviar d'Êle, ficando consciente de não poder atingir o objetivo do que sabe ser correto, você se tornará infeliz mesmo possuindo todos os bens do mundo.

Espiritualidade é a consciência de vitória sôbre si mesmo e a comunhão com o Infinito. A espiritualidade nos impele a conquistar dificuldades e adquirir novas fôrças. Sentir que as faculdades se abrem e a verdade se expande na alma é uma das mais sublimes experiências. Ser honesto consigo mesmo e ser leal aos elevados ideais faz desenvolver a espiritualidade. A prova real de qualquer religião é o tipo de homem que forma. Sermos "honestos, verdadeiros, castos, benevolentes, virtuosos e... fazer o bem a todos os homens" é uma virtude que contribui para a mais alta aquisição da alma. A divindade existente no homem é que o torna rei de tôdas as coisas criadas. É esta qualidade precípua que o torna superior aos animais.

Tenhamos em mente que a vida, na realidade, é aquilo que fazemos e que o Salvador dos homens estabeleceu bem claramente como podemos obter alegria e paz: através do evangelho de Jesus Cristo e do cumprimento de Suas leis. Cumpra seu dever, não importa quão humilde possa ser e resolva-se ante qualquer dificuldade ou desânimo, a fim de ser:

Como o homem que enfrenta a peleja,
Passos firmes, coração feliz;
Sem que com mêdo esteja,
Sempre confiante no que diz:
Deus é sempre Deus.

AQUÊLE QUE SERÁ O CHEFE

Jay Ellis Ransom

Durante duas semanas o sol derramara poucos raios no horizonte gelado e agora havia desaparecido completamente. Mesmo o breve clarão matutino não dispersara o frio da noite, que vinha da floresta.

A preocupação enrugava a testa do jovem Angus George, que abriu a porta com o pé e entrou na cabana, deixando um feixe de gravetos no chão da cozinha, ao lado do velho fogão enferrujado. Tirou o casaco de pele de rena e o pendurou atrás da porta da frente.

Desde a doença de seu pai, o bem-estar da mãe e irmã pesava em seus ombros de rapaz de catorze anos. Quando Tatá começara a sentir a doença roer seu corpo, Ana, sua mãe, de cabelos grisalhos, dissera:

"Oh, Angus, se pelo menos conseguíssemos bastante peles êste inverno, Sara poderia ir à escola. Teria uma boa educação e casaria com um homem rico."

Pensativo e silencioso, Angus voltou-se para olhar o pai, deitado em sua enxêrga, com um cobertor de pele de raposa cobrindo-o até o queixo. Os olhos de Tatá ardiam em febre e suas faces estavam muito encovadas. Angus lembrou-se de que o Professor havia dito que era tuberculose, tão comum entre o povo.

Voltou seu olhar preocupado para a mãe. Ana sentara no canto esquerdo do aposento, que era seu e de sua filha, por direito e costume entre o povo. Ana trabalhava na pele de touro, confeccionando, com a ajuda da tesoura do pôsto de trocas, umas meias para Angus. Logo não haveria mais comida na cabana, pensou êste. Já era tempo de caçar sòzinho, mesmo que não tivesse a idade permitida.

E então, ouviram o murmúrio de vozes que vinha do lado de fora. A porta foi empurrada e os quatro élderes da aldeia entraram na ponta dos pés, batendo a neve dos casacos. Inclinaram a cabeça para cumprimentar Angus e Ana. Então, com o Ancião à frente, alinharam-se ao lado de Tatá, como uma fileira de môchos. O Ancião limpou a garganta.

"Não é nada boa essa doença," disse vagarosamente. "Viemos ver o que podemos fazer".

Uma súbita esperança denunciou-se na voz de Angus:

"Peço permissão para caçar em lugar de meu pai!"

Os élderes voltaram-se, olhando-o solenemente. O Ancião respirou profundamente:

"É nosso costume que você não vá à caça antes de ter vivido quinze invernos."

"Mas eu preciso ir!" ecoou, ansiosa, a voz de Angus.

O Ancião sentou-se e começou a pensar. Os outros acocoraram-se, à espera.

"Traga o rifle," disse êle, apontando a reluzente Winchester dependurada na porta. Angus entregou-a com o coração aos pulos.

Metòdicamente, o Ancião inspecionou a arma. Depois, entregou-a a Angus, dizendo: "Prepare-a."

Ansiosamente, Angus pegou-a. Tomou o pano e o óleo que estavam em uma caixa. Então, dobrando o rifle pela culatra, passou cuidadosamente o óleo pelo cano, girando-o suavemente.

Com esmêro, azeitou o fêcho e experimentou o maquinismo de disparo. Quando terminou de esfregar o cano e depois de ajustar a pontaria, entregou a arma ao Ancião. Esta passou de mão em mão, enquanto Angus sentia o suor correr-lhe pela espinha.

"Está muito frio lá fora," disse o Ancião pensativo.

"A área de caça de Tatá é muito grande," acrescentou Muitas Nuvens.

"O fantasma de Carcajú está no vale," foi a resposta de Pé Grande. "Já vi seus rastos na neve."

A voz cansada de Tatá soou no quarto:

"É trabalho para homem."

O Ancião sorriu silenciosamente. "Acho que Angus é quase um homem, já. Foi perito no preparo da arma. Terá cuidado com as feras e com as armadilhas. Você o ensinou muito bem, Tatá. O que acham, Pé Grande, Galu e Muitas Nuvens?"

Concordaram com a cabeça. O coração de Angus pulava.

"Não terei mêdo do escuro e do frio," disse, pesando cada uma de suas palavras, como convinha a alguém que já era homem.

Os élderes levantaram-se, agrupando-se ao redor de Tatá e desejando-lhe as melhoras. "Talvez," disse o Ancião gentilmente, "quando sarar, seu filho já tenha nôvo nome na aldeia."

Quando Angus acordou na manhã seguinte, sua mãe preparara-lhe um desjejum para homem. Ao terminar, vestiu o casaco de pele e tomou o rifle.

"Leve bastante munição, meu filho," Tatá levantou-se para dizer. "E fósforos!"

"Sim, Tatá. Peguei também sua faca."

Quando chegou ao lugar onde Tatá havia feito a primeira armadilha, não conseguiu encontrá-la. A neve

escondia os rastos. Tirando a raqueta de neve do pé direito, Angus usou-a como pá e, finalmente, descobriu a armadilha. Uma rapôsa branca, apanhada há alguns dias, deixara-se matar. Com dificuldade, Angus levantou a prêsa, olhando com consternação para o corpo estraçalhado, a pele feita em tiras. Então, a ira cresceu dentro de si. A pele de rapôsa daria para comprar um saco de farinha lá no pôsto de trocas.

Esquadrinhou a carcaça frouxa sombriamente. Antes de colocá-la em segurança, no galho de um abeto acima da cabeça, acariciou seu nariz quebrado, falando as antigas palavras que enviariam seu espírito para junto dos seus, para ser renovado. Depois, fêz novamente a armadilha, com cuidado, para não deixar nenhum cheiro de homem.

Pouco mais à frente, encontrou uma trilha cruzada, torta e vacilante. Só Carcajú, o diabo indígena, deixaria tal trilha! O mêdo começou a encher-lhe a cabeça de maus presságios.

Quando atingiu a sexta armadilha, queimava de ira. Cada uma delas havia sido arruinada ou arrastada; as peles que sua mãe precisava estavam em tiras. Os rastos de Carcajú estavam cada vez mais frescos ao aproximar-se da sétima armadilha, a qual encontrou intacta, com a carcaça de uma andorinha nos dentes de aço. Abaixou-se para removê-la, depois parou. Voltou-se para os arbustos; talvez Carcajú tivesse uma armadilha para êle!

Por uma eternidade, Angus agachou-se, seguindo os rastos com os olhos. E então o viu, uma forma escura, parecida com a de um urso semi-crescido, embaixo de um emaranhado de árvores. Cautelosamente, Angus levantou o rifle até o rosto, apontando para a sombra. Dois olhos esverdeados fixaram-se raivosamente nêle, paralizando-o com sua intensidade. Angus limpou o registro de segurança e disparou. E o silêncio caiu, só interrompido pelo eco do tiro e onde Carcajú estava, ficou apenas uma depressão na neve.

A ira crescia dentro de Angus, por causa da perda. Lembrou-se então, do que o Ancião dizia aos rapazes, quando entravam na puberdade: "Vocês precisam conquistar seus nomes, jovens da tribo, e quem matar um carcajú com um rifle, tornar-se-á um élder, mas quem o matar com um punhal tornar-se-á Aquêle-que-será-chefe. E êsse nome só mudará quando fôr velho, e aquêle que usar o nome de Ancião, será o chefe do povo."

A trilha dirigia-se para o vale, estreitando-se depois de quatro quilômetros, numa garganta, onde se achava o esconderijo de Tatá. Angus viu que o desfiladeiro estava coberto de neve, a qual havia caído dos declives acima e seus nervos ferveram com mais essa dificuldade. Parando sòmente para tirar as raquetas dos pés, Angus suspirou e começou a descer o desfiladeiro cuidadosamente, experimentando o caminho antes de atravessá-lo, com a mochila e as raquetas na mão esquerda. No final do desfiladeiro, onde um emaranhado de árvores e arbustos enroscou-se em seus pés, sentiu o cheiro do carcajú.

Sentiu um tremor, mas não viu nada. Um súbito mêdo desceu sôbre êle, enfraquecendo seus músculos. Começou a lembrar-se das estórias a respeito de como Carcajú assaltava tudo que se movia. A besta o observava, mas Angus não a podia ver. Enquanto seu corpo enrijecia, um rosnar perigoso e dissonante saiu de uma caverna escura abaixo do penhasco. Então, na obscuridade do crepúsculo, ouviu um lúgubre som que o fêz ficar ereto. Uma grande quantidade de neve estava prestes a cair em sua cabeça. Com horror, Angus olhou depressa para cima, vendo a neve começar a deslocar-se aos poucos. Começou a deslizar, sem pressa, fazendo pequenas reviravoltas, formando cada vez um monte de neve maior. Mesmo antes de poder desviar os olhos, a grande massa de neve caiu, tal qual um terremoto, em direção ao lugar onde Angus estava.

Só havia um abrigo para ir. Suspirando de terror, Angus entrou na caverna do Carcajú um segundo antes da avalancha de neve cair, carregando árvores, arbustos e seixos em sua corrida louca.

Na escuridão da caverna, Carcajú afastou-se dêle, rosnando e babando, enquanto Angus procurava a bainha de sua faca, tirando-a. Sem avisar, o Carcajú saltou, cheio de fúria.

Com um grito selvagem, Angus estendeu o braço e apanhou a fera pela mandíbula, enquanto sua mão direita enterrava a faca no ombro rijo. Novamente Carcajú investiu, recebendo outro golpe da faca do rapaz. Angus lançou-se para trás, contra a parede da caverna, escorregou no gêlo, mas procurou apôio desesperadamente, com a ameaçadora fera atrás de si.

Em completo desespêro, Angus virou para o lado, apanhou a faca e, com um golpe curto, mas rápido, enterrou-a, atingindo o lugar certo.

Onde os dentes agudos haviam cortado a pele, Angus sentiu o ar frio penetrar. Rolando, pôs-se de pé, cravou repetidas vêzes a faca na besta, às cegas.

Meio gelado de dor e terror, Angus sentiu ondas de agonia subindo por sua perna, e caiu desmaiado.

Era ainda hora do crepúsculo quando Angus deixou a caverna, carregando as orelhas do Carcajú. Com todo o corpo doendo, parou um pouco, mais adiante. Examinou a perna ferida, vendo que não estava tão ruim quanto imaginara. Certamente teria uma cicatriz que levaria consigo a vida inteira, mas sentiu uma onda de orgulho ao amarrar o lenço em volta da ferida. Levantando-se, sentiu-se fraco pela perda de sangue, mas viu que poderia voltar para casa.

Cuidadosamente, abriu passagem no meio da avalancha de neve, chegando até onde estavam suas raquetas, o rifle e a mochila. Caminhando penosamente, conseguiu chegar até o esconderijo de seu pai, onde haveria o calor do fogo. Pela manhã, poderia seguir viagem.

Lá no alto, a noite caiu e as estrêlas começaram a brilhar. Angus levantou a cabeça com orgulho, mesmo com a dor que a perna causava. Sabia, agora, que havia merecido o nome de "Aquêle-que-será-chefe." Sabia, também, como o Ancião conseguira aquela cicatriz nos ombros...

Na manhã seguinte, tiraria a pele do Carcajú, colocando sua carcaça no alto de um abeto. Procuraria e faria novamente tôdas as armadilhas de seu pai, com confiança em si. Não havia mais diabos indígenas, pois o espírito de Carcajú avisaria os outros.

Acima de tudo, Sara poderia ir para a escola e, mesmo que sentissem saudades dela, seria para seu bem.

Nunca mais precisariam temer o Carcajú, pois Aquêle-que-será-chefe havia-se provado um homem. Quando chegasse sua hora de ser chamado Ancião e fôsse deveras o chefe da tribo, saberia guiar sàbiamente o seu povo!

O Teatro de Lago Salgado, mandado construir por Brigham Young em 1861. Localizava-se onde hoje se acha a Companhia Telefônica.

O TEATRO NA IGREJA

*adaptação **

Desde que chegaram ao Vale do Lago Salgado, os Santos dos Últimos Dias mostraram grande interêsse pelo teatro como meio de disciplinar a mente e amadurecer os corações do povo; um estudo das fontes dêsse interêsse é digno de ser considerado.

O interêsse pelo teatro na Igreja nasceu em dois lugares, Nauvoo, Illinois e Inglaterra. Em Nauvoo, Joseph Smith tornou o povo interessado em teatro, porque sabia que seria um poderoso instrumento para influenciar seus seguidores quanto à retidão. Escolheu Thomas A. Lyne para organizar e dirigir uma associação dramática local. Lyne, um converso à Igreja em Filadélfia, Pensilvânia, veterano personificador de tipos shakespereanos fêz papéis secundários ao lado de Edwin Forrest, Ellen Tree, Élder Booth e Charlotte Cushman.

Mesmo antes de aderir à Igreja, em princípios de 1840, Lyne prestara-lhe sua ajuda. Seu cunhado, George Adams, em missão de proselitismo, viera à sua casa em Filadélfia. Adams estava preocupado quanto ao modo de proceder em sua missão, pois tinha pouco dinheiro. Para levantar os fundos necessários, êsses dois homens conseguiram alugar um teatro e apresentar Ricardo III, de Shakespeare.

Interessado no relato de Adams a respeito de Joseph Smith, Lyne foi a Nauvoo para encontrar-se com êle. Logo foi batizado e fundou, se não a primeira, uma das primeiras organizações dramáticas da Igreja. Entremeando os compromissos em Nauvoo, a companhia dramática viajou Mississipi abaixo, apresentando peças nas cidades ribeirinhas. Brigham Young, George Albert, Erastus Snow e outros líderes participaram dessas produções.

Edward Tullidge, relacionado pessoalmente com os mórmons de Nauvoo, escreveu: "O teatro mórmon foi concebido em Nauvoo, nos dias de Joseph Smith. É tão ortodoxo quanto um templo. Joseph Smith era representado por Thomas A. Lyne."

Os conversos que imigraram da Inglaterra para Nauvoo e Lago Salgado ràpidamente aumentaram seu interêsse pelo teatro e por Shakespeare. A primeira metade do século XIX foi o período em que o teatro floresceu na Inglaterra. Muitas das produções eram shakespereanas. Havia mais casas de espetáculo, maior audiência, maior número de extraordinários atores shakespereanos na Inglaterra, nesse mesmo século, do que jamais houve, desde os tempos de Elizabeth.

Como resultado das atividades missionárias de Heber C. Kimball, Orson Hyde, Willard Richards, Joseph Fielding, Wilford Woodruff e outros, os conversos começaram a chegar das localidades inglêsas onde o teatro florescia. Perto de outubro de 1840, na Inglaterra, os membros da Igreja eram em número de 3.600. Essa cifra aumentara para mais de 5.814 em abril de 1841 e mais oitocentos haviam imigrado para a América. Durante a primeira década, de 1840 a 1849, 5.784 conversos vieram à América e instalaram-se nas vizinhanças de Nauvoo e, subseqüentemente, em Lago Salgado. Além disso, muitos conversos imigraram isoladamente, ou em pequenos grupos, sem que seu número fôsse registrado.

"A maioria dos cidadãos, (escreve Hullidge, em 1851-1852, vinha da terra do teatro... Londres, Birmingham, Manchester, Leeds, Yorkshire e Edinburgh, onde as pessoas estavam acostumadas a assistir teatro e concertos filarmônicos. Tais pessoas não poderiam passar sem o seu teatro, nem ficar contentes com o isolamento, sem ter algo que despertasse reminiscências da cultura intelectual e da arte dramática de sua terra natal."

A contribuição de seis homens familiarizados com as produções dramáticas inglêsas devem ser suficientes para mostrar o que estava acontecendo. A história de Phil Margetts, um converso inglês que chegou a Lago Salgado em 1.º de setembro de 1850, demonstra que alguns dêsses conversos haviam conhecido Shakespeare muito bem. Quando menino,

em Londres, andava pela cidade tôda para ver os grandes atores das peças de Shakespeare. Quando tinha doze anos de idade, permaneceu, certa noite, colado a uma janela, vendo o cartaz de uma produção de Hamlet. Um ator, vendo seu interêsse por Shakespeare, deu-lhe uma entrada. Desde então, seu interêsse pelo grande dramaturgo sempre aumentou. Anos depois de sua chegada a Lago Salgado, em 1857-58, voltou à Inglaterra para servir como missionário. A caminho da Inglaterra, viu Charlotte Crampton em Hamlet, em St. Louis. Em 1857, viu Samuel Phelps atuar em Hamlet e Macbeth, em Londres.

Charles J. Thomas, outro interessado em drama, nascido em 20 de novembro de 1832, na Inglaterra, mostrou habilidade incomum como músico. Com a idade de nove anos, tocava numa orquestra com seu pai. Em 1860, veio como converso para Lago Salgado. Por causa de seu interêsse por música e drama, tornou-se o primeiro diretor da orquestra do Teatro de Lago Salgado.

George Careless, segundo diretor musical do mesmo teatro, veio de Londres em 1864. Os pais de George freqüentemente deixavam-no sòzinho enquanto visitavam a grande cidade e o teatro, e para distraí-lo, deram-lhe um pequeno teatro com palco e um livro de peças e, sem dúvida, foi assim que êle adquiriu seu amor pelo drama e pela música, que o colocaram num dos primeiros lugares na orquestra do Teatro de Lago Salgado.

Outro pioneiro, Macready, fêz o papel de Macbeth na Inglaterra. "Depois que Macbeth assassina Duncan, pára, olhando suas mãos sujas de sangue; uma batida é ouvida na porta do castelo. Macbeth diz, quando sai para lavar as mãos: "Acorde Duncan, com essa batida na porta; eu não poderia." "Se pudesse viver cem anos, não esqueceria a maneira que o Sr. Macready usou para dizer essas palavras. Pesar, remorso e desespêro estavam expressos em seu rosto, no grito alucinante que dilacerou o coração," diz J. P. em *The Contribuitor.*

Um escritor do Deseret News comentou sôbre o interêsse por Shakespeare em Londres:

"Em Londres, há alguns anos atrás, Charles Kean levantou uma série de representações shakespereanas — creio que as denominou renascimento... Tivemos o prazer de visitar Londres na época e vimos a apresentação de Henrique VIII, onde fêz o papel de Cardeal Wolsey e a sra. Kean, de rainha Katherine."

John Lyon, crítico do Daily Telegraph, também conhecera atores e teatros na Inglaterra. "Vimos," disse êle, "Hamlet através de Kean, Sullivan e grandes artistas do palco inglês."

O interêsse dos pioneiros pelo teatro era, em parte, responsável pela devoção à arte dramática no meio das condições pioneiras, numa época da história nacional em que o palco era visto com desaprovação pela elite da sociedade americana.

Nos primeiros três anos após a chegada à terra de desolação, os pioneiros mórmons estavam tão ocupados no preparo da terra para o cultivo, em construir suas cabanas e prover as necessidades da vida, que encontraram pouco tempo para dedicar ao drama. Acontecimentos subseqüentes, contudo, mostram que o interêsse no teatro aumentou com êsses inglêses que vieram para o Lago Salgado.

O Social Hall, erigido em 1852, foi onde apresentou-se a primeira peça de Shakespeare. Continha, num nicho acima do palco, um busto de Shakespeare, que alguma pessoa desconhecida trouxera através das planícies. A primeira apresentação no Social Hall foi Otelo, produzida logo depois que o teatro foi dedicado, em 1.º de janeiro de 1853; foi novamente apresentado em 12 de março de 1856, quando o visitante William Chanless ficou favoràvelmente impressionado com a caracterização de Otelo e Iago, peça que mais tarde foi apresentada por Bernard Snow e, mais tarde ainda, por W. H. Wilson.

Êsse interêsse em Shakespeare ganhou terreno em 1862, quando foi construído o Teatro de Lago Salgado. Apenas dois anos depois de terminado, "Father John" Lyon, referindo-se a uma peça de Shakespeare, disse:

"Se fôr apresentada como esperamos que seja, abrirá caminho para outras mais, pois essa espécie de apresentação tem muita procura."

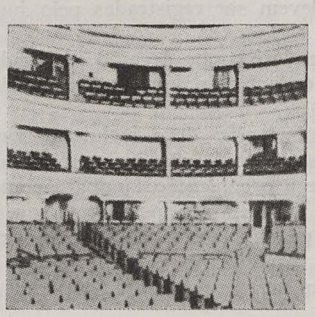
Em outro artigo, o mesmo crítico mostrou a necessidade do Teatro de Lago Salgado encenar mais dramas de grandes autores: "A determinação da gerência em colocar-nos na primeira fila é apreciada pelos patronos do teatro, e esperamos poder registrar triunfos nas peças dos grandes autores."

William H. Dixon, um estudante inglês em visita aos Estados Unidos, a fim de colhêr material para seu livro *The New America,* cruzou as planícies numa diligência, para investigar pessoalmente a cultura mórmon, que estava começando a tomar corpo no deserto do oeste. Escreveu sôbre o Teatro de Lago Salgado:

"A atração principal dessa modelar casa de espetáculos acha-se por detrás das cortinas, do espaço amplo, da iluminação perfeita, da escrupulosa lim-

(cont. p. 28)

Escultura que fazia parte da decoração. O ator Joseph Simmons no papel de Alonzo, de Pizarro. Interior do Teatro. O cuidado na encenação era uma característica das apresentações.



GENEALOGIA

Serviço de Pesquisa Genealógica

O que é o Serviço de Pesquisa Genealógica?

A. É um serviço da Sociedade Genealógica, destinado a auxiliar os participantes em seu trabalho genealógico, ajudando-os a evitar a duplicação de pesquisas.

Compreende duas fases:

1. *Registro*: Os indivíduos agora são encorajados a registrar no impresso apropriado, os sobrenomes contidos nos gráficos genealógicos, juntamente com as localidades e as datas respectivas.

2. *Pesquisa*: Quando uma data fôr registrada mais tarde, os que têm registro podem solicitar buscas do Serviço de Pesquisa Genealógica, para os nomes e enderêços de pessoas que têm informações registradas no serviço, permitindo, dessa forma, coordenação nos esforços de pesquisa.

B. Quais os objetivos do Serviço de Pesquisa Genealógica?

1. Reunir pessoas que tenham linhagem em comum.

2. Evitar duplicação de pesquisas.

C. Quando começará êsse serviço?

1. Os registros já estão sendo aceitos.

2. Quando houver anotações registradas, a fim de tornar eficiente êste serviço, será anunciado oficialmente e os "Impressos de Informação" serão distribuídos.

D. Quais as informações que um indivíduo ou organização familiar deve submeter ao comitê, para registro?

1. Deve registrar o seguinte:

a. Todos os sobrenomes que aparecem no gráfico genealógico, pelos quais assumem a responsabilidade.

b. As localidades nas quais êsses gráficos constam.

c. As respectivas datas.

2. Se um sobrenome fôr encontrado em uma ou mais localidades, será necessário fazer uma anotação em separado para cada localidade, mencionando a data em que isso foi feito.

E. O membro de uma família deve preparar seu registro pessoal para o Serviço de Pesquisa Genealógica?

1. Quando se trata de uma organização familiar, os representantes devidamente apontados devem ser designados para registrar a informação, sob jurisdição da organização familiar.

2. As linhagens que não estiverem sob a jurisdição da organização familiar devem ser registradas pelo indivíduo.

F. Qual o nome e enderêço que deverão ser usados quando se registra uma organização familiar no Serviço de Pesquisa Genealógica?

1. Neste caso, a informação deve incluir o nome e enderêço do membro dessa organização, responsável pela referência genealógica. Se a organização familiar apontar diversos membros como responsáveis, pertencentes a linhagens diferentes, cada pessoa designada deve registrar o sobrenome pelo qual é responsável.

Êsse indivíduo é quem fará as pesquisas genealógicas.

2. Quando houver mudança numa organização familiar, e o registro fôr substituído, deve-se enviar os nomes e enderêços dos antigos e novos oficiais, o número da pesquisa genealógica e o nome do grupo ao Serviço de Pesquisa Genealógica, a fim de que êste efetue as mudanças em seu arquivo.

G. Qual o meio de referenciar as fôlhas de Pesquisa Genealógica?

1. Será dado um número a cada pessoa que registrar informações no SPG como meio de identificação.

Êsse número, designado pela Sociedade Genealógica, constará no impresso enviado, a fim de identificar cada registro.

2. Depois do registro numerado, a futura correspondência deverá incluir êsse número.

H. Quando fôrem considerados vários gráficos genealógicos relacionando diversos sobrenomes, localidades e datas, o registrante deve tomar nota dêsses detalhes?

1. Reconhecemos que aquêles que lidam com pesquisas genealógicas e cujos ancestrais remontam a várias gerações, terão que registrar vários sobrenomes, localidades e datas. Contudo, essa lista poderá ter um valor muito grande aos outros que apenas estão iniciando.

2. O registrante poderia, também, fazer contato com pessoas possuidoras da mesma linhagem, que cooperariam em pesquisas futuras e que seriam encorajadas a se unir à organização familiar.

3. A fim de atingir o objetivo do SPG, todos os pesquisadores devem participar.

4. Boa vontade e cooperação devem ser partilhados para maior sucesso dêsse serviço.

I. Como o SPG pode ajudar os registrantes e outros interessados?

1. Antes de efetuar qualquer nova pesquisa, quer de indivíduos ou organizações familiares, o impresso "Pedido de Informação", que contenha qualquer informação a respeito de sobrenomes, localidades ou datas mencionadas deve ser submetido ao arquivo de referências genealógicas.

2. Suponhamos que alguém queira iniciar uma pesquisa no Estado da Paraíba, Nordeste Brasileiro, entre as datas de 1830 e 1870, o nome e enderêço dos registrantes que submetem tal informação deverá ser enviado ao pesquisador. Estas pessoas podem entrar em contato direto, para informações mais pormenorizadas, evitando assim, duplicação desnecessária.

J. O que deve ser feito, se a resposta do SPG indicar que não há registros feitos com tal sobrenome, localidade ou datas mencionadas?

A ausência de registro no SPG não significa necessàriamente que não haja ninguém interessado nas linhagens de tais ancestrais. Deve-se, ainda, continuar a manter contato com os parentes e completar a pesquisa antes de iniciar o registro definitivo. (*continua*)

Nome da Organização Familiar: **Organização Familiar Carlos Pereira**

Nome e enderêço da pessoa que preencheu êste Impresso: **Alice P. Costa** SPG n.º **174471**

R. das Laranjeiras, 5

Rio Bonito — Pr.

Missão: **Brasileira**

Recomendações templárias

Ser digno é um requisito: Nenhuma pessoa deverá receber recomendações para qualquer propósito, a não ser que se ache digna em todos os aspectos. A indignidade a desqualifica.

Antes de darem recomendações, os Presidentes de Ramo deverão certificar-se, procurando saber se a pessoa que procura a recomendação é moralmente digna; se não tem afiliação com apóstatas da Igreja; que reconhecem as autoridades da Igreja, tanto locais como gerais; se paga o dízimo, cumpre a Palavra de Sabedoria e cumpre dignamente seus cargos na Igreja, assistindo as Reuniões Sacramentais, Sacerdotais e outras reuniões e também se cumpre as leis e mandamentos do Evangelho, incluindo as obrigações do templo.

Se não estiver cumprindo todos êsses requisitos, deverá ficar em período probatório, antes de receber a recomendação. Tôdas as pessoas que pedem recomendação devem ser julgadas dignas, sempre.

Em caso de recomendação para crianças, o Presidente do Ramo deverá certificar-se que tenha pelo menos doze anos, que seja exemplar em sua vida e que cumpra os mandamentos e deveres de sua idade.

Deve-se tomar cuidado e verificar se os pais da criança não são afastados ou indignos.

Nenhuma pessoa poderá ser recomendada antes de completar um ano na Igreja. Sòmente a Primeira Presidência poderá autorizar uma exceção.

O sacerdócio e o lar

Por muitos anos, temos associado o Sacerdócio de Melquisedeque sòmente com o trabalho dos quórums da Igreja. Aquêles que possuem o Sacerdócio de Melquisedeque realmente pertencem aos diversos quórums. Um homem preside ou trabalha numa das organizações da Igreja pela autoridade adquirida através dêsse sacerdócio.

A importância de um homem, portador do sacerdócio, em presidir sôbre sua família não deve ser esquecida. O pai é o treinador dos filhos em suas relações com o Pai de todos nós; sua espôsa o ajuda e favorece seus esforços. Se houver fracasso, o pecado recairá sôbre a cabeça dos pais — a menos que se prove não ter sido sua culpa.

O treinamento na atividade do sacerdócio começa no lar. Se um jovem tem sido encaminhado pelos pais, "...com persuasão, longanimidade, com mansuetude e ternura e com amor não fingido," e além disso também com "... benignidade e com conhecimento puro, reprovando às vêzes, com firmeza, quando movido pelo Espírito Santo," (certificando-se na ocasião de que esta repreensão não será julgada errôneamente) e se depois disso os pais lhe mostrarem um amor ainda maior e o filho não considerá-los como inimigos, esta família será realmente afortunada. O Espírito Santo poderá ser seu companheiro constante em tais situações e certamente o será.

Os princípios de como presidir o sacerdócio também devem ser ensinados. Se ensinarmos as crianças a honrar e apoiar o bispo, poderemos também ensiná-las a ter os mesmos sentimentos e reações para com o presidente de seu lar.

Segue-se que os princípios aqui declarados funcionam igualmente em relação aos filhos. As crianças querem honrar os pais, obedecê-los e cooperar com êles. Seu ideal não deve ser, "ensine-me se puder," mas sim, "desejo aprender e procuro meus pais para orientar-me."

O trovão no Sinai não havia ainda passado antes que Moisés dissesse aos israelitas as leis que deveriam seguir. Um dos primeiros mandamentos foi, "Honra teu pai e tua mãe" (Êxodo 20:12), que continha a promessa de vida longa. Embora esta seja uma responsabilidade dos filhos, ainda assim é dever dos pais ensiná-la e depois manter suas próprias vidas num plano que possibilite o seu cumprimento, devido a seus próprios padrões.

Sacerdócio Aarônico

Se eu fôsse você

Jovens, prestem bem atenção à sabedoria dos mais id

Quantas vêzes escutamos expressões semelhantes a esta e quantas vêzes meditamos no que realmente significam e não se contradizem, até certo ponto? Posso compartilhar meu ponto de vista quanto ao significado de tais expressões?

Considerem em primeiro lugar, o problema do intelecto. Não sabemos exatamente o que significa. Mas é possível medir, por meio de testes de inteligência, a característica comumente denominada QI, ou quociente intelectual. A grosso modo, dizemos que pode ser descrita como "medida de nossa habilidade em aceitar novos conceitos." No gráfico acima, apontei a bem conhecida curva do intelecto, ou idade mental em relação à idade cronológica. Certamente, êste gráfico representa apenas a média geral, porém, o surpreendente é que, apesar da idade mental crescer paralelamente à idade cronológica em proporções diretas, atinge o máximo na idade dos dezessete anos e lentamente vai declinando. Surge a pergunta natural: "Por que, então, todos os grandes feitos não são realizados nessa idade ou um pouco mais tarde e, como resultado, por que os jovens não lideram em tudo?"

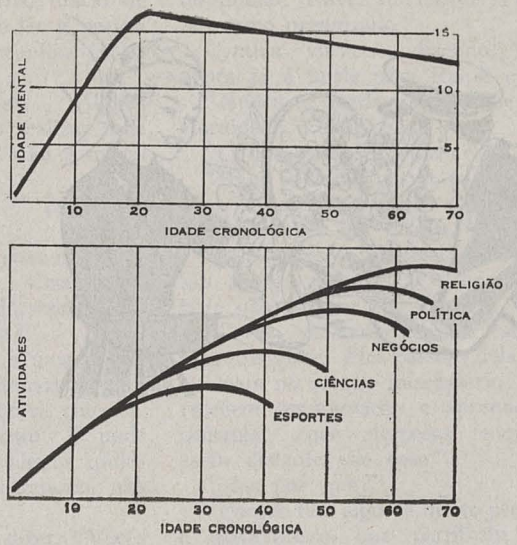
Uma resposta, talvez não muito direta, é a prova de que até os aborígenes produzem a mesma curva. A diferença, então, entre intelecto e realizações deve ser baseada em fatôres que nossa civilização possui e os aborígenes não, e que só possuirão através de treinamento e educação.

Considerem as curvas hipotéticas no gráfico 2, que indicam a média de realizações comparadas à idade cronológica. De fato, ninguém, segundo meu conhecimento, conseguiu atingir tais índices cientìficamente; no entanto, pode-se tentar construí-las intuitivamente, de acôrdo com suas próprias experiências. Sabe-se perfeitamente que realizações esportivas e científicas ocorrem bem cedo, declinando, posteriormente, de modo rápido. Em outros campos, tais como política e religião, as realizações continuam a ser feitas amiúde, até a hora da morte. As diferenças entre estas curvas e a do gráfico I dizem respeito ao treinamento e educação. Êsses fatôres serão chamados de sabedoria. A resposta, então, a nosso aparente dilema é: intelecto, mais sabedoria levam a bem realizar.

O intelecto, por vêzes, pode produzir inovações e envolver outros conceitos, mas deve ser temperado pela sabedoria se fôr usado no intuito de empreender grandes realizações. Visto que o intelecto é o congênito tanto em civilizados como em aborígenes, a sabedoria deve, pois, surgir de outras fontes. Quanto maior a realização, maior deve ser a sabedoria que a produziu. Geralmente, quanto mais velha a pessoa, maior o potencial de sabedoria que dela advém, até que atinja a idade máxima, que difere segundo o campo de atividade. Em nossa Igreja possuímos a sabedoria milenar em forma de documentação escrita e conhecemos a sabedoria de nossos ancestrais através de orientação e conselhos.

Como, então, podemos combinar sabedoria e intelecto, a fim de utilizá-los nas maiores decisões de nossas vidas?

Primeiro, obter a melhor educação e treinamento que pudermos durante tôda a vida e quanto antes possível. Já que as mais importantes decisões são tomadas pela casa dos dezoito a vinte e quatro anos, (carreira, atividades na Igreja, casamento, etc.), é conveniente que usemos a sabedoria de outros enquanto deliberamos tomar nossas próprias decisões. A vida seria muito mais simples, com certeza, se a experiência que adquirimos no decorrer dos anos pudesse ser usada ao tomarmos as decisões que enfrenta-



ia dos mais idosos. Sábios, assimilem as inovações dos jovens.

James C. Fletcher

mos aos dezoito. Infelizmente, não nos é concedida tal vantagem. Por isso, devemos contar com as experiências dos outros, em grande parte.

Estatìsticamente, tem-se provado que o sucesso no casamento e na escolha da carreira depende amplamente do grau de educação alcançado na época em que se toma tais decisões. Provàvelmente isso é verdadeiro no que se refere também às atividades na Igreja, particularmente se incluirmos missão e instrução em seminário.

Como um jovem pode obter tôda essa educação e treinamento, quando tantas outras solicitações (missão, serviço militar, etc. são feitas ao mesmo tempo?

A resposta não é simples. Quanto maior a educação obtida, em adição a uma aprendizagem no serviço militar e em missão, ao compartilhar o conhecimento dos outros, teremos probabilidade de tomar decisões mais acertadas depois de nossa juventude.

Segundo, não se precipite ao descartar-se de velhas idéias, velhos princípios e velhos valôres. Ao invés disso, compare-os com as novas idéias propostas, e, a menos que as antigas estejam evidentemente erradas, aceite as novas, como versões melhoradas das antigas. Se isto fôr impossível, suspenda o julgamento até que as novas tenham sido provadas pela experiência. Raramente, no mundo científico, as idéias antigas estão completamente erradas; poderão estar erradas em alguns detalhes que requerem modificação ao invés de abandono.

É bastante curioso que os princípios atuantes no campo da religião e da política só se modifiquem um mínimo durante longo período de tempo, sendo que as realizações só ocorrem em idade mais avançada. Pode parecer acidental, mas acredito que seja devido ao julgamento de valôres nestes dois campos, que os consideramos da melhor forma depois de alguns anos de experiência. Talvez algum dia possamos entender melhor quais as razões, mas até que o façamos, é sábio acatarmos os conselhos dos mais idosos.

Terceiro, agarre-se às novas idéias e conceitos. Apesar de muitas dessas idéias não terem sido provadas pela experiência, o mundo progride devido a elas mesmas; quase sempre essas idéias surgem dos jovens. Lembrem-se, no entanto, de que para cada boa idéia há centenas de idéias ruins, por isso não devemos nos desencorajar quando várias novas idéias não são aceitas. Na ciência, por exemplo, cinco ou dez idéias realmente boas durante um século são suficientes para manter o mundo nesse mesmo rítmo de atividade.

Lembrem-se, também, que as boas idéias não surgem do nada; pouquíssimos aborígenas conseguem ter novas idéias aproveitáveis. Sòmente ao expô-las à sabedoria de outrem, e pelos desafios das condições mutáveis do mundo, podemos ultrapassar os esforços prévios e ajudar o progresso mundial.

Que tal a juventude aconselhar os mais idosos? Como pode o jovem encorajar o antigo a absorver novas idéias e cooperar com a juventude, ajudando o progresso mundial? Êste será o assunto de uma outra discussão, mas posso assegurar-lhes que muitos sábios estão do lado dos jovens. Nós, os mais idosos, percebemos muito bem algumas de nossas limitações e invejamos o seu potencial. É provável que alguns de nós ajudem outros adultos a fazer o mesmo, até que as gerações possam se entender bem, com tolerância, como indica o espírito das palavras de Isaías, "Vinde então e argüí-me..."

PÁGINA FEMININA

Elsa

CAPÍTULO 3

Mabel Harmer

Resumo: *Elsa Breinholt conhece George Clayton, de Lago Salgado, que está aquartelado em Heidelberg. Desejosa de ir para a América, aceita o oferecimento do rapaz, para que sua família seja responsável por ela. Sua mãe, viúva, deseja que ela fique na Alemanha e continue a amizade com Karl Ernst.*

Era um belo dia do meio outono quando Elsa foi para Bremerhaven, a fim de tomar o navio que a conduziria à América. Heidelberg nunca parecera tão bela. As montanhas nunca foram tão verdes, nem o rio tão convidativo. "Mas ainda assim êle vai ansioso para o oceano," disse a si própria, "Como eu."

Sua mãe e Maria foram com ela até a estação e no último momento Karl apareceu apressado. "Foi difícil sair mais cedo," disse, quase sem respiração, "imagine que tive de ameaçar a vida do chefe para poder vir despedir-me."

"Quem sabe você não precise fazer isso novamente," disse Maria, "pois talvez já não tenha o emprêgo quando voltar."

"E então você vai ter que tomar conta de mim," replicou êle com um grande sorriso.

A Sra. Breinholt não estava rindo — nem mesmo sorrindo. Elsa sabia perfeitamente que se houvesse um modo de impedir a viagem, sua mãe agiria ràpidamente.

Estava esperançosa de que George viesse à estação, mas sabia que não era tão fácil livrar-se dos deveres militares. O locutor anunciou seu trem e ela beijou a mãe e Maria. Depois, voltou-se para Karl. "Auf Wiedersehen," disse êle, apertando sua mão fortemente.

"Auf Wiedersehen," respondeu ela sorrindo, "Auf Wiedersehen."

No último instante as lágrimas enevoaram seus olhos e ela correu para o vagão. Uma vez acomodada, já o trem movendo-se pelos campos, suas lágrimas secaram ràpidamente e ela admirou o cenário. Seu espírito elevou-se novamente. Finalmente fazia o que desejava. E agora iria ver o mundo.

Depois, já a bordo, acomodou-se no pequeno camarote de classe turística. O enorme navio era atordoante. Estava muito limpo e brilhante, dando a impressão de que jamais alguém pisara lá dentro.

Havia duas camas no camarote, mas ninguém apareceu. O camareiro disse-lhe que a outra senhora provàvelmente tomaria o navio em Southampton, onde havia maior número de passageiros.

Estava em seu camarote desfazendo as malas, quando alguém bateu à porta e o camareiro apareceu, trazendo-lhe uma cesta de flôres. O cartão dizia, *"divirta-se. George."*

Para Elsa, aquela foi a surprêsa mais agradável de tôda a sua vida. Era um bom indício, pensou, das maravilhosas coisas que lhe iriam acontecer. Colocou as flôres na penteadeira e correu para cima. Não poderia perder a partida, apesar de haver poucos passageiros e apenas uma pequena multidão no cais para vê-los partir.

Elsa soube que o navio faria escala em Le Havre, antes de ir a Southampton.

O grande navio saía do pôrto tão suavemente e ela mal pôde acreditar que estivessem indo embora, até que a praia começou a diminuir. Sòmente naquele momento deu-se conta de que estava deixando sua terra natal — e por quanto tempo ninguém saberia. Talvez para sempre. Havia um nó em sua garganta quando murmurou, "Auf Wiedersehen."

Estava ansiosa para conhecer a companheira de camarote e ficou no convés até que cada passageiro viesse

a bordo. O trem com a classe turística havia vindo de Londres e, quando todos, pelo menos aparentemente, já estavam no navio, dirigiu-se para o camarote novamente. Encontrou-o ocupado por uma jovem, talvez alguns anos mais velha do que ela. Elsa notou que usava aliança. "Alô," disse, apertando sua mão, "Sou Elsa Breinholt."

"Cynthia Winters," replicou a outra. "Estou contende por conhecê-la."

Elsa logo notou que era americana. "Você veio em visita?" perguntou. A face da senhora anuviou-se. "Não, não exatamente," disse, conforme ia esvaziando a mala. "Meu marido estava estacionado aqui com a Fôrça Aérea. Houve um desastre há um mês atrás."

"Oh! Sinto tanto!" disse Elsa brandamente. "E agora você está voltando para casa?"

"Penso que sim." Cynthia sacudiu os ombros, como se realmente não importasse para onde iria. Ensaiou um sorriso apagado quando viu as flôres e disse, "Pelo que vejo, você tem um admirador."

"Sim." Elsa enrubesceu. "Pelo menos mandou-me essas flôres. Êle também é soldado americano, aquartelado em Heidelberg — minha cidade."

"E você vai conhecer seus pais?"

"Oh, não! Não é nada sério. Vou simplesmente porque quero ir para a América. O pai dêle será responsável por mim; irei para sua casa quando chegar. Êles moram na cidade do Lago Salgado."

Isto me parece muito sério," insistiu Cynthia. Depois acrescentou, "Eu moro em Wisconsin, é bem distante de Utah."

Cynthia terminou de arrumar suas coisas e depois foram para a sala de refeições, a fim de almoçar. Foi-lhes designada uma mesa com mais quatro pessoas, um casal inglês de meia idade em visita a uma filha casada e dois rapazes que estavam viajando pela Europa.

"Bom e barato, hein!" exclamou um dêles alegremente. "Portanto, não fiquem surprêsos ou embaraçados se pedirmos tudo que tiver no cardápio. A gente quer descontar o atrazo."

Elsa teve muito que fazer a bordo e isto a deixou ocupada e feliz. Havia sessões cinematográficas tôdas as tardes — uma pequena biblioteca, jogos no salão e algumas horas de sol no convés, destinadas aos passageiros da classe turística. No jornal diário de bordo, ficou surprêsa ao ler a notícia de que se realizavam reuniões SUD na 1.ª classe.

"Olhe!" exclamou ela. "Alguns membros da Igreja vão realizar uma reunião aqui, amanhã. Não é maravilhoso?"

"Qual é sua igreja?" perguntou Cynthia.

"A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Chamam-na geralmente de Igreja Mórmon. Você já ouviu algo a respeito?"

"Um pouco. Fomos a uma capela em Londres, onde escutamos um recital de órgão e uma breve palestra. Foi excepcionalmente bom. E pude ver o templo, distante alguns quilômetros de Londres. Entretanto, não entramos."

Elsa estava pronta a dizer, "Vocês não poderiam." Ao invés disso, falou: "Não gostaria de ir comigo amanhã?"

"Sim, por que não?" replicou Cynthia com um dar de ombros. "Será algo para fazer."

Elsa nem podia esperar que chegasse a hora de participar da reunião. Cêrca de 20 pessoas se reuniam na sala de estar. Os sete rapazes, regressando de suas missões, é que organizaram a reunião. As outras pessoas eram turistas.

O rapaz que as saudou perguntou se alguém tocava piano e ficou contente quando Elsa disse-lhe que poderia. Um dirigia o canto e os outros dirigiam as orações e os discursos. Um dêles falou sôbre o casamento para a eternidade e Elsa não pôde deixar de notar o profundo interêsse com que Cynthia escutava.

Mais tarde, quando voltaram ao camarote, Cynthia disse, "Sôbre o casamento eterno — sua Igreja crê mesmo que um homem e sua espôsa permanecem casados — não sòmente até a morte?"

"Sim, isso mesmo. Não é um belo ideal? Esta é uma parte das cerimônias realizadas no templo que você viu na Inglaterra."

"Seria um belo ideal, se tivéssemos certeza de que isso acontece."

"Isso é algo que temos de descobrir por nós mesmos," disse Elsa com simplicidade.

"Mas, como?"

"É fácil, realmente. Você entra em contato com os missionários quando regressar à sua pátria. Êles são encontrados em quase tôdas as partes do mundo. Talvez sua cidade já tenha um ramo organizado."

Cynthia virou-se, dizendo, "Mas agora já é tarde para Ralph e eu."

"Nunca é tarde para planejar a eternidade," disse Elsa.

"O que você quer dizer?"

"Não posso explicar muito bem. Mas se você conversasse com os missionários, êles lhe diriam."

"Porém êsses missionários — ora, são apenas meninos! Os que vimos hoje não passam dos vinte!"

"Certo. A maioria dêles está na casa dos vinte. Êles passam dois anos ou mais no campo missionário. Não recebem remuneração e aprendem a controlar suas despesas enquanto estão distantes de casa."

"Mas por que?"

"Porque têm algo de muito precioso e maravilhoso, que partilham com tôdas as pessoas do mundo; você compreenderá que isso é verdadeiro, se conceder uma oportunidade a si mesma."

Cynthia não disse mais nada, mas Elsa estava absolutamente certa de que ficara impressionada e sempre lembraria do que acabavam de conversar.

Alcançaram Nova York bem cedo na manhã de têrça-feira e perderam a 1.ª refeição para ficar no convés e saudar a estátua da Liberdade e os magníficos arranha-céus da cidade grande.

"Você vai parar aqui?" perguntou Cynthia.

"Não, não posso, mas gostaria. Vou direto a uma estação de ônibus e tomarei o primeiro que partir para Lago Salgado."

"É bem distante," disse Cynthia. Ficará morta de cansaço se não fizer paradas."

"Assim poderei dormir," comentou alegremente Elsa. George disse-me para descer e caminhar um pouco em cada parada e não será tão mal assim. Além disso, será maravilhoso contemplar os campos."

"Você certamente irá contemplar uma imensidade dêles antes de chegar a Utah. E muitos parecerão secos e barrentos quando se está acostumado com a Europa. Se você fôsse para Wisconsin agora..." Cynthia suspirou, "É deslumbrante no outono."

"Sendo assim," estou radiante por sua causa," disse Elsa. "Espero que seja ótimo para você."

Despediram-se e Elsa tomou um taxi para a rodoviária. Até mesmo

aquela voltinha pelas ruas movimentadas de Nova York constituia-se em novidade. Tudo tinha sido maravilhoso até aquêle instante. Claro que o futuro também o seria!

Deixar a cidade era interessante. Pareceu-lhe que a parte industrial nunca terminaria. Mas, finalmente a deixaram para trás e agora se achavam em campo aberto. Lembrou do conselho de George, para andar em todo lugar que parassem, para apreciar cada trecho da paisagem. O panorama era interessante e belo nas côres do outono. Elsa achava-se plenamente satisfeita.

O ônibus chegou a Chicago na tarde daquele mesmo dia e ela pôde descansar por quatro horas antes de partir para o oeste. Desceu uma das ruas da estação e ficou atordoada com tanto barulho. Havia mais automóveis alí do que jamais vira em tôda a sua vida — e muito mais gente. Não estava certa se gostava ou não, e isso a fêz pensar com um pouco de saudade nas calmas ruas de Heidelberg.

"Espero que a Cidade do Lago Salgado não seja como esta," pensou. "Mas, certamente não o é; pelo menos não tão grande."

Quando achou que caminhara o suficiente numa só direção, virou-se e voltou. Ainda havia tempo de saborear um pequeno lanche na confeitaria, antes de prosseguir.

Sentiu-se bem descansada e refeita, quando seu ônibus foi anunciado; subiu com renovado interêsse, imaginando que seria a última etapa da viagem. Quando deixasse o ônibus pela última vez, estaria em Sião — a cidade de seus sonhos.

À sua frente estavam sentadas duas crianças, um menino de oito anos, mais ou menos e uma garotinha, um pouco mais velha. Pareciam solitários e de certo modo apavorados. Sorriu-lhes amàvelmente e perguntou, "Vocês vão muito longe?"

A pergunta soou-lhes familiar, como evidenciando que realmente iam bem longe. Os olhos da menina arregalaram-se enquanto concordava. "Sim, muito longe, vamos para Utah."

"Muito bem," disse Elsa. "Também vou para lá. Faremos companhia e na parada seguinte ficaremos sempre juntos." Continuaram assim até o final, fazendo suas refeições também juntos.

Não se passou muito tempo para que contassem a sua história. O pai morrera há alguns anos. Na verdade, Jerry não se lembrava dêle e Pauline tinha vaga lembrança. A mãe encontrava-se agora muito enfêrma e êles iam morar com uma tia em Provo, até que ela se restabelecesse. Depois ela se reuniria a êles.

"Fica tão no interior que até poderei ter um cachorro," exclamou Jerry. Claro estava que um cão compensaria muita coisa.

Não se passou muito tempo para que Elsa percebesse o quanto Cynthia estava certa ao descrever o interior. Escurecera logo que deixaram Chicago e quando acordaram na manhã seguinte, vislumbraram campos dourados que pareciam se estender infinitamente, com pequenas cidades e fazendolas aqui e acolá.

Tornava-se desagradável relembrar a si mesma um tanto inperiosamente que alí estava a razão pela qual viera — para ver o mundo. Para ver algo diferente. Bem, era diferente, sem dúvida, tinha que concordar, pensando nas florestas verdejantes que cobriam as colinas de sua pátria.

Estava semi-adormecida quando atravessaram a linha estadual e percebeu claramente a seta que indicava estarem em Utah. "Vocês viram?" perguntou às criaças. "Estamos quasi chegando."

Jerry pulou de contente, pronto para saltar assim que o ônibus parasse. "Não tanto assim," riu-se ela, "mas dentro de uma hora mais ou menos, estou certa de que sim."

O cenário era agora muito mais interessante, achava ela. Havia nesgas de fôlhas escarlates e amarelas pelas encostas. Quando ladearam o último desfiladeiro, ela divisou o panorama do vale com o lago à distância, perdendo o fôlego em vista de sua beleza singela. As montanhas mais longínquas tinham seus picos cobertos de neve. Êste era o clímax de sua jornada. Valera a pena percorrer um quarto do globo.

Pela primeira vez sentia-se nervosa na expectativa do encontro com os Clayton. George fôra tão gentil e ela calculava que sua família também o seria. E se não fôsse? Bem, não precisaria ficar com êles por muito tempo. Assim que encontrasse um emprêgo, procuraria onde morar. Era apenas questão de conseguir acertar.

O ônibus entrou na estação e parou. Os passageiros fizeram fila ràpidamente. "Sua tia vem encontrá-los aqui ou vão até Provo?" perguntou Elsa.

"Nossos bilhetes marcam Provo," respondeu Pauline. "Fica muito distante?"

"Não sei. Perguntarei na agência."

Caminharam até a rampa e seguiram à sala de espera. Elsa olhou ansiosamente para ver se conseguia localizar os Clayton. Enviara um telegrama de Chicago, dizendo a hora exata em que chegaria. No entanto, como os reconheceria — ou êles a ela? A sala estava repleta de pessoas.

Sua primeira preocupação eram as crianças. Descobriu que seu ônibus sòmente seguiria dalí a meia hora. Andaram pela sala diversas vêzes para se exercitarem, depois penetraram no salão de refeições, para tomar um copo de leite e um pãozinho. Naquele momento o ônibus das crianças foi anunciado e ela as conduziu até a entrada. "Daqui a uma hora vocês chegarão lá," disse ela. Espero que passem um ótimo inverno."

"Obrigado!" responderam, olhando meio duvidosamente.

Ela voltou e sentou-se a fim de esperar. Sentia-se apreensiva pela maneira de olhar das crianças. E se ninguém a viesse encontrar? Possuía o enderêço dêles, mas teria de tomar um taxi para ir onde moravam. Talvez tivessem mudado de idéia. O que faria, então?

Começou a ficar um pouquinho preocupada, mas naquele momento seu nome foi anunciado no alto-falante.

Com um suspiro de alívio, pôs-se de pé e apressou-se em direção à mesa de informações.

Reconheceu-os de pronto e imaginou como não o fizera anteriormente. O Sr. Clayton era exatamente como George, vinte anos mais velho. A Sra. Clayton segurou-lhe as mãos e disse: "Elsa! Sentimos não a ter reconhecido, por causa das crianças. Buscávamos alguém só."

"Lógico," sorriu, "Não havia pensado nisso."

Apertou a mão do Sr. Clayton e reuniu sua bagagem. "Por aqui," disse êle, conduzindo-as à porta da frente.

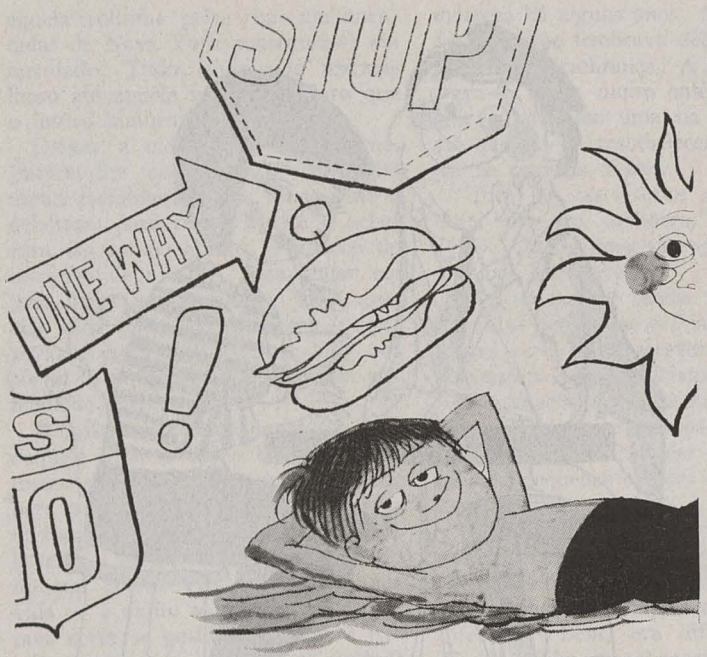
No lado de fora, Elsa olhou em direção do anjo dourado que brilhava sob os reflexos do sol. Ela queria permanecer ali e contemplá-lo. A Sra. Clayton tocou seu braço e disse sorrindo, "Vamos, querida, êle ficará alí por muito tempo." *Continua.*

Em Paris os jovens membros
Dizem "oui" e "très bien";
"Aux revoir", ao despedir-se,
Ao invés de até amanhã.
Viajam pelo metrô
E passeiam pelo Sena
Em ruidosa alegria
Ao sol da manhã amena.

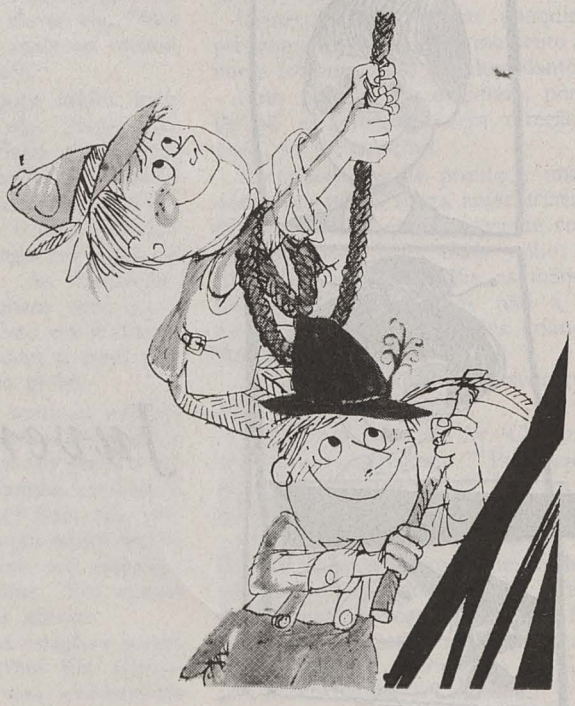
O lar é qualquer país
Que noss'alma satisfaça,
Pois a luz do evangelho
Chegará a tôda a raça.

Juventude da Promessa

Marion D. Hanks
Elaine Cannon
adaptação de Regina Kauag

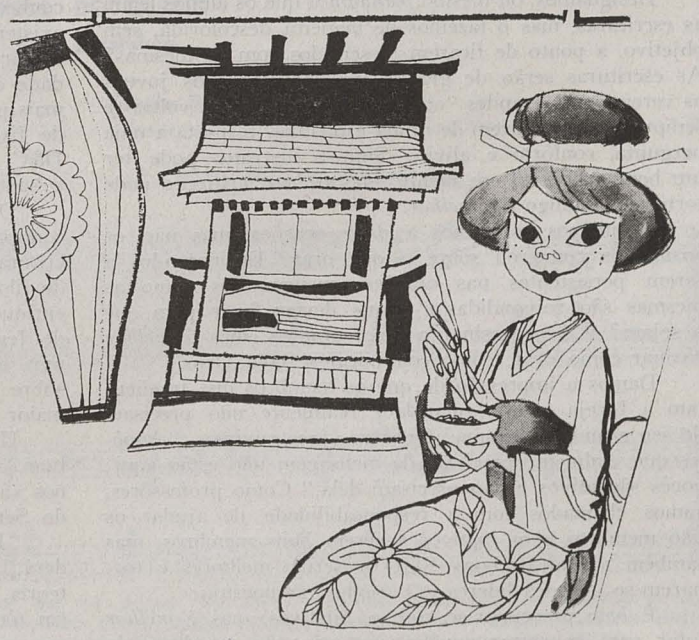


Já os que moram em Utah
São jovens mórmons de escol.
Como não bebem nem fumam,
São azes do cestobol.
Em suas horas de folga
Ao ar livre querem estar,
Velejando no seu lago,
Onde é impossível afundar.



Zurique é cheia de montes
Agradáveis de escalar,
Onde tôda a juventude
Nos feriados vai folgar.
Seu petisco favorito
É o famoso "fondu" suiço.
Que comem em um só prato,
Com bastante reboliço.

A Holanda das terras baixas,
Dos diques e pantanais,
É o berço de muitos jovens
Iguaizinhos aos demais,
Que freqüentam a A.M.M.
E a Reunião Sacramental,
Satisfeitos por viverem
Por um grande ideal.



Na intimidade do lar
A garôta japonêsa
Come com dois pauzinhos
Com tôda a delicadeza.
Mas quando vai à escola
E nas festas juvenís
Veste traje ocidental e
Dança um "surf" bem legal!

ESCOLA DOMINICAL

Bom - Inimigo do melhor?

Leon R. Hartshorn

Um velho ditado popular diz: "O bom é inimigo do melhor." Como professôres da Igreja, precisamos provar que êste adágio é verdadeiro. Relativo a isto, consideremos as seguintes perguntas:

Acentuamos a importância de alguns programas específicos da Igreja, excluindo outros? É *bom* um estudante comprometer-se em programas específicos da Igreja, mas é *melhor* contribuir e receber os benefícios de todos os que lhes são designados.

Será que nós, como professôres, ensinamos os princípios de honestidade, mas falhamos quando os ensinamos de modo expressivo? Ensinamos de modo vazio os princípios tirados de situações reais? Se assim fôr, talvez os alunos aprendam muito sôbre o que é elevado, sôbre moralidade e teologia, mas sejam totalmente ineptos quanto às aplicações dêsses ensinamentos em seu meio ambiente. Através das discussões em grupo, projetos, estudos e outros bons métodos, precisamos deixar os alunos pensar, perguntar, discutir e aplicar o que aprenderam. É *bom* ensinar os princípios do evangelho, mas é *melhor* dirigir e assistir os alunos, ensinando-os a vivê-los.

Nós, professôres, ensinamos os princípios do evangelho e falhamos quando não os cumprimos em nossas vidas? O professor que apresenta uma lição exemplificando o amor, a bondade e a paciência, talvez, na mesma aula, use a ironia para conseguir a atenção da classe. É *bom* ensinar os princípios do evangelho a nossos alunos, mas é *melhor* que êsses princípios não sejam esquecidos, porque o professor é a personificação das virtudes que ensina.

Designamos, ou mesmo *mandamos* que os alunos leiam as escrituras, mas o fazemos de maneira descolorida, sem objetivo, a ponto de ficarem ressentidos com as mesmas? As escrituras serão de grande importância se os jovens as verem como grandes "amigas," a quem podem voltar-se sempre que precisarem de ajuda espiritual, resposta a uma pergunta, confôrto e alívio. Sim, o instrutor pode ter um bom propósito em mente, mas o *bom* aparente pode tornar-se inimigo do *melhor*.

Ensinamos os alunos a *dizer* orações, mas não os ensinamos como ou sôbre o que orar? Ensinamo-los a serem persistentes nas orações, ensinamo-los como as mesmas são respondidas e o que devem fazer para que o sejam? É *bom* ensinar a dizer orações, mas é *melhor* ensinar como orar, como comunicar-se com Deus.

Damos a impressão de que os membros que freqüentam a Igreja com regularidade realmente não precisam do seu grande programa? Quantas vêzes ouvimos, "Aquêles que realmente precisam da mensagem não estão aqui; vocês são ativos e não precisam dela." Como professôres, somos chamados com a responsabilidade de ajudar os não membros e os inativos a serem bons membros, mas também ajudar os bons SUD a serem melhores e tornarem-se grandes líderes. O Senhor admoestou:

É *bom* preocupar-se com os inativos, mas é *melhor* lutar para converter aquêles que não são membros da Igreja, trabalhando para reconduzir os inativos e estimular o bom e o ativo para o melhor. Tais pessoas, ao mesmo tempo que ganham conhecimentos profundos e recebem a chama do Espírito Santo, tornam-se grande ajuda para converter e reconduzir os outros. Os bons membros da Igreja devem ser estimulados a alcançar o melhor. Em certa ocasiao, o Pres. David O. McKay, com seus olhos bondosos, mas penetrantes, olhou para um grupo de missionários e disse, em essência: "Vocês são um bom grupo de missionários, são mesmo notáveis." Fêz uma pausa, depois continuou, "De fato, são tão bons e notáveis que deveriam envergonhar-se de não serem melhores."

Ensinamos o valor do conhecimento e da inteligência e impelimos os alunos à procurar educação cada vez mais elevada, mas será que falhamos ao explicar qual é o verdadeiro significado dêsses dois têrmos? Êste ano, como nos anteriores, os calouros SUD chegarão às faculdades. Alguns, durante anos, assistirão as reuniões da Igreja com regularidade. Outros terão grandes conhecimentos do evangelho. O mais triste é saber que muitos dêsses alunos acreditarão sinceramente que adquirirão conhecimentos sòmente com a *rejeição* de tôdas as atividades da Igreja e estudo do evangelho. Não compreenderão ou não terão sido bem ensinados quanto aos conceitos da Igreja, relativos à obtenção de conhecimentos. Como resultado, perderão uma das maiores oportunidades da vida, a de ganhar o conhecimento que o Senhor deseja que tenhamos.

Os estudantes SUD têm oportunidade de integrar, correlacionar e conceituar as verdades do evangelho e o conhecimento que ganham através das várias disciplinas existentes; por exemplo, o estudo de uma grande obra literária pode trazer um nôvo discernimento à autenticidade do evangelho. Um poema pode fazer alguém ficar mais perto de nosso Pai Celestial. O capítulo de um livro de física pode aumentar o aprêço de uma escritura de D&C. Um curso de astronomia pode ajudar uma pessoa a sentir parentesco com o Pai Abraão.

De maior significação ainda, é a contribuição que o conhecimento do evangelho pode dar às aulas. Uma escritura do Livro de Mórmon dá perspectiva a uma aula de filosofia. A vida e os ensinamentos de Joseph Smith enriquecem uma aula de sociologia. O amor e humildade de Jesus, como retratado no Nôvo Testamento, tornam uma aula de educação mais significativa. A explicação sôbre a criação, no livro Pérola de Grande Valor, dá maior colorido a uma aula de antropologia.

Uma pessoa, para ser educada, precisa saber conceituar, correlacionar e integrar os melhores conhecimentos nos vários campos. Consideremos a seguinte admoestação do Senhor:

"Ensinai diligentemente e a Minha graça vos atenderá, para que sejais instruídos mais perfeitamente em teoria, em princípio, em doutrina, na lei do evangelho e em tôdas as coisas que pertencem ao reino de Deus, e que vos é necessário compreender.

"Tanto nas coisas do céu como da terra e de debaixo da terra; coisas que existiram, que existem e coisas que logo acontecerão; coisas daqui e de além mar; quanto às guerras e às perplexidades das nações e quanto aos julgamentos que estão sôbre a terra; e um conhecimento também das nações e reinos.

"Para que quando Eu vos enviar outra vez, estejais preparados em tôdas as coisas para magnificar o chamado com o qual vos chamei e a missão com a qual vos comissionei" (D&C 88:78-80).

As universidades são grandes recipientes de conhecimentos de muitas matérias, incluindo as mencionadas acima. O estudante pode preparar-se para uma profissão em qualquer campo e pode preparar-se para servir ao Senhor de maneira efetiva, quando desejar e se o desejar. Se fôsse possível a alguém devotar quatro anos às matérias universitárias, com excessão dos ensinamentos do evangelho e atividades na Igreja, e depois devotar mais três anos a essas coisas importantes, sairia perdendo. A obtenção de conhecimentos em vários campos educacionais, sob a tutela de catedráticos, pode estimular e ajudar o jovem SUD para uma vida de serviço a si mesmo, aos seus entes queridos, à sociedade, à Igreja, a seu Deus, se o conhecimento que obtém fôr usado para estabelecer relações significativas e se fôr utilizado para desenvolvimentos progressivos e criativos. Se assim não o fizer, tanto seu conhecimento profissional como o conhecimento do evangelho serão inadequados.

Ensinar o valor do conhecimento é *bom,* mas ensinar um estudante a correlacionar, integrar-se e conceituar é *melhor*. Talvez haja casos em que o conhecimento em um campo não seja prontamente assimilado com o conhecimento em outra área. O estudante inteligente, quando isto ocorre, procurará a verdade revelada.

Damos ênfase ao fato de que os estudantes devem ser ativos na Igreja durante seus anos de estudo? Isto é, advogamos a causa, dando ênfase à influência das filosofias dos homens, ao fato de que a juventude tenta proteger-se à custa de crescimento e contribuição? Lembrem-se, os jovens são os recipientes do evangelho de Jesus Cristo, têm o dom do Espírito Santo e estão revestidos do sacerdócio. Freqüentemente ouvimos falar que, em atletismo, a melhor defensiva é uma boa ofensiva — é difícil para o outro time ganhar, se temos posse da bola.

Nossa juventude deve contribuir, avançar, não se contentar em ficar com o "status quo."

É bom permanecer ativo, mas é *melhor* partilhar do evangelho, do progresso, do conhecimento e das atividades da Igreja. Se nossos filhos são mandados à escola com sòmente o fito de permanecerem ativos, então serão expostos a uma grande batalha sem armas. O apóstolo Paulo disse para nos revestirmos da armadura de Deus e tomarmos a fé por escudo. Mas Paulo nunca pensou em mandar alguém sem armas a uma batalha. A que êle usava era a "espada do Espírito, que é a palavra de Deus" (Efésios 6:17).

Seria uma injustiça mandar alguém a uma batalha com sòmente um escudo de proteção. É *bom* pregar que devemos ser ativos, mas é *melhor* ensinar os alunos a progredir, influenciar, servir e converter.

É *bom* tentar ser um professor mais eficiente e melhor líder, mas é *melhor* ser bem sucedido. O bom pode ser inimigo do melhor se, quando ensinamos, inconscientemente colocamos pedras no caminho dos nossos alunos.

Mas se estivermos preparados, se orarmos e formos persistentes, o *bom* poderá ser o precursor e o companheiro do *melhor.*

HINOS DE ENSAIO

para dezembro

Escola Dominical Sênior
"Anjos cantam jubileu", n.º 150

Escola Dominical Júnior
"Jesus num presepe nasceu" (As Crianças Cantam), n.º 86

JÓIA SACRAMENTAL

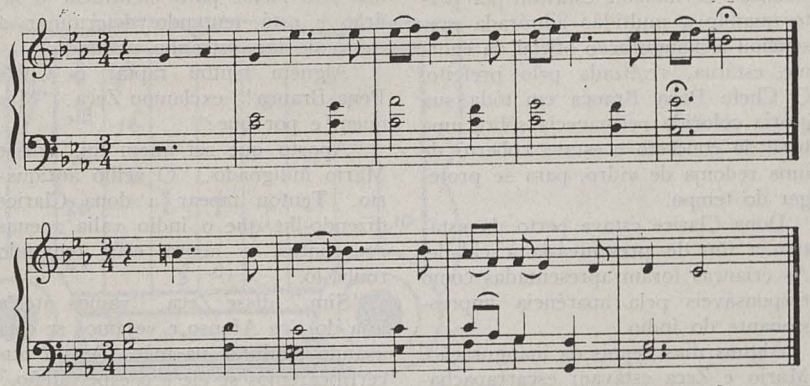
para dezembro

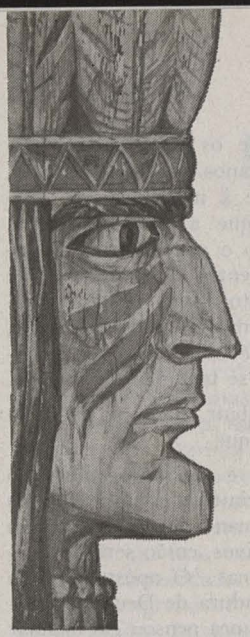
Escola Dominical Sênior
"Não temais porque vos trago novas de grande alegria, que será para todo o povo: pois na cidade de Davi vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor." (Lucas 2:10)

Escola Dominical Júnior
"Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens." (Lucas 2:14)

Domingo de Jejum
"Crês, tu, que Deus é um só? Fazes bem. Até os demônios crêem, e tremem. Queres, pois, ficar certo, ó homem insensato, de que a fé sem as obras é inoperante?" (Tiago 2:19,20). "Vi também os mortos, os grandes e os pequenos, postos em pé diante do trono. Então se abriram livros. Ainda outro livro, o livro da vida, foi aberto. E os mortos foram julgados, segundo as suas obras, conforme o que se achava escrito nos livros." (Apocalipse 20:12)

PRELÚDIO SACRAMENTAL





MEU CANTINHO

O mistério do índio de madeira

CAPITULO 2

Murrey T. Pringle

Resumo: *Um grupo de meninos e meninas aproveitaram o feriado escolar para limpar e remodelar um velho índio de madeira. Mário, que lhe dera o nome de Chefe Pena Branca, ficou encarregado do projeto. As meninas esfregaram bem a estátua e os meninos pintaram-na e logo o Chefe Pena Branca ficou novinho em fôlha.*

Dona Clarice recebeu a oferta de 150 contos de Seu *Afonso, o antiquário, mas esta quantia não seria suficiente para pagar a dívida de sua casa. Dona Clarice pertencera a uma família abastada, porém antes de seu avô ter sido morto em uma batalha, reuniu a fortuna da família e a escondeu. O tesouro nunca fôra encontrado. Dona Clarice estava ameaçada de perder sua casa. As crianças desejam ajudá-la de algum modo.*

Depois de algumas semanas, as crianças se ocuparam de outras coisas e haviam esquecido do Chefe Pena Branca. Certamente estavam por perto quando a multidão admirada presenciou a inauguração oficial da enorme estátua, realizada pelo prefeito. O Chefe Pena Branca em tôda sua glória colorida permanecia sôbre uma base de concreto e estava coberto de uma redoma de vidro, para se proteger do tempo.

Dona Clarice estava perto da estátua, a fim de presenteá-la à cidade. As crianças foram apresentadas como responsáveis pela aparência impressionante do índio.

Alguns dias depois da inauguração, Mário e Zeca estavam escarrapachados em frente à casa de Mário. De repente, algo voou pelos ares e bateu contra a porta da frente. Era o jornal. Mário apanhou-o e as manchetes chamaram-lhe a atenção: "Nossa!" gritou. "Olhe para isto, Zeca!" Zeca tomou-lhe o jornal, e fixou os olhos no enorme cabeçalho em prêto: "Atentado contra a Estátua do Parque".

Nervosamente, os meninos leram a estória que contava como um policial, que patrulhava o parque, ouvira o ruído de martelo. Iniciou uma busca e encontrou alguém se arrastando em volta do índio de madeira.

Dentro da redoma, o policial encontrou um martelo e uma talhadeira que haviam sido deixadas pelo intruso. Êle escavara até a base de concreto a fim de remover a grande estátua de madeira. Havia também algumas gotas de sangue. Evidentemente o ladrão ferira a mão quando inesperadamente fôra surpreendido pelo policial.

A reportagem terminava: "A polícia não tem pistas para identificar o ladrão e está tentando determinar a causa de tão estranho atentado."

"Alguém tentou raptar o Chefe Pena Branca!" exclamou Zeca. "Mas quem e por que?"

"Aposto que sei quem foi," disse Mário indignado. "O velho antiquário. Tentou tapear a dona Clarice dizendo-lhe que o índio valia apenas 75 contos, e agora está tentando roubá-lo."

"Sim," disse Zeca, "vamos até a loja do *Seu* Afonso e vejamos se está usando ataduras na mão. Assim nos certificaremos se êle é o espertalhão."

A loja do *Seu* Afonso ficava na Rua do Mercado. Era uma casa bem velha. A parte da frente servia de loja e tinha uma tabuleta indicando: "Antiguidades." Em baixo, em letras minúsculas, estavam os seguintes dizeres: "Móveis Usados, compram-se e vendem-se." O antiquário sobrealugava os quartos dos fundos do edifício.

Assim que os meninos começaram a dar voltas na esquina do Mercado, Mário repentinamente assombrou-se e pulou para trás, puxando e ao mesmo tempo advertindo Zeca, "*Seu* Afonso está do lado de fora da loja."

Com precaução, os meninos espiaram e observaram o corpulento antiquário, que permanecia de pé na entrada da loja. Seu cenho escuro parecia mais negro do que nunca.

"Êle parece bem irritado," disse Zeca.

"Está sempre assim," replicou Mário. "Você pode ver suas mãos? Parecem bem para mim."

"Não há marcas em suas mãos," disse Zeca. "Não poderia ser ladrão da..."

"Espere um instante!" murmurou Zeca. Ambos olharam o homem com cara de raposa que se encaminhava ràpidamente, parando a fim de conversar com *Seu* Afonso. O antiquário fizera um gesto afirmativo com a cabeça e apressara-o a entrar na loja. Depois olhara rua abaixo e rua acima, e seguira o outro. Enquanto Mário e Zeca observavam, o dono da loja fechou a janela descendo a persiana, onde se via a tabuleta "Fechado."

Os meninos entreolharam-se. Você viu o que eu vi?" perguntou Zeca.

Mário fêz que sim. Aquêle freguês tinha uma atadura na mão esquerda.

Aposto que é êle. Vamos, vejamos se podemos descobrir o que estão tramando."

Correndo ao redor do quarteirão, entraram numa pequena alameda que passava atrás da loja. Pé ante pé, esgueiraram-se numa janela meio aberta dos aposentos de *Seu* Afonso. Lá dentro podiam ouvir a voz estridente do negociante. "Velhaco é o que você é," disse ao outro. "Você certamente fracassou na tarefa de ontem à noite!"

"Não foi minha culpa. Nunca havia tentado roubar um índio de madeira antes," respondeu-lhe em tom queixoso.

"Escute, aquêle índio vale uma pequena fortuna e vou conseguí-lo," disse *Seu* Afonso. "Esperaremos uma semana ou mais e tentaremos outra vez. Tenho um comprador esperando por êle."

"Não eu," disse a voz lamuriosa. "Estou assustado. Vou sair da cidade."

Raivoso, o antiquário disse-lhe: "Aqui estão dez contos e você não vale tanto. Vá em frente, saia da cidade e não abra o bico. Eu mesmo farei o servicinho!"

O chefe de polícia escutou atentamente a história do menino.

Perguntou, então, "Você tem alguma prova de que *Seu* Afonso contratou alguém para furtar aquêle índio?"

"Não, mas nós ouvimos!" protestou Mário.

O comissário sacudiu a cabeça. "Isto não é o bastante. Precisamos de outras provas além dessa. Claro está que, se pudermos pegar êsse camarada da mão enfaixada e forçá-lo a confessar, será diferente." O comissário sorriu. "Aprecio vocês terem vindo aqui e contarem a êsse respeito. Tentaremos pegá-lo, pela descrição que vocês deram, mas se não conseguirmos, estaremos prontos para agir com aquêle que ousar roubar a estátua. E se fôr o *Seu* Afonso, êle não se sairá bem..."

"Vamos," disse Mário. "Temos que ver dona Clarice e pedir-lhe que se lembre de tudo acêrca do Chefe Pena Branca para ver se podemos descobrir porque *Seu* Afonso pensa que êle vale uma fortuna!"

Devido ao interêsse especial que devotavam ao grande índio de madeira, os meninos chamaram Berto e as duas meninas, Suelí e Juanita.

A turma tôda foi visitar dona Clarice. Quando lhe contaram porque haviam ido, a velha senhora sacudiu a cabeça com perplexidade. "Eu não posso entender porque cargas d'água *Seu* Afonso faria uma coisa dessas. De fato, o índio vale um pouco mais do que êle me ofereceu, mas não tanto!" Novamente sacudiu a cabeça e riu.

"Talvez a madeira seja valiosa," sugeriu Suelí.

"Não querida," disse dona Clarice. "Aquêle índio foi talhado em madeira comum."

"Bom," disse Berto, "Há apenas uma coisa para se fazer. Todos nós temos que nos revezar para vigiar o *Seu* Afonso e da próxima vez que êle tentar roubar o Chefe Pena Branca, nós avisaremos a polícia e quando o agarrarem, o obrigarão a contar o segrêdo."

"Acho que sim," concordou Zeca, desapontado porque dona Clarice não havia podido dar-lhes nenhuma pista. Então voltou-se para a velha senhora, dizendo, "Dona Clarice, continue pensando, talvez se lembre de alguma coisa. Se pudermos descobrir a causa de todo êsse mistério, quem sabe a senhora poderá ficar rica novamente!"

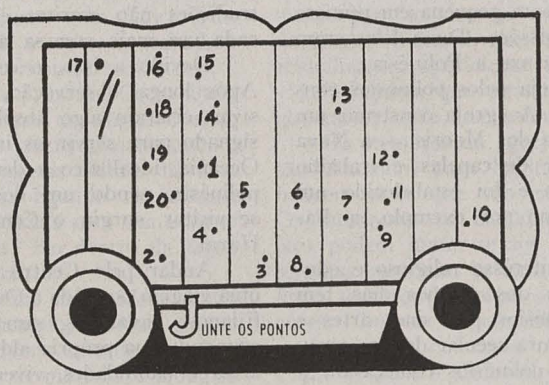
"Temo que seja um pouco tarde para isso," disse dona Clarice. "Preciso mudar-me no próximo mês."

"Quer dizer que a senhora vai ter que mudar uma porção de coisas pesadas," disse Suelí. "A senhora bem poderia nos deixar ajudar."

"Bem, alguns móveis são mesmo pesados," concordou dona Clarice pensativamente.

"Ótimo, vamos ajudá-la!" disse Zeca. Depois de amanhã é sábado e poderemos passar o dia inteirinho aqui."

Quando voltavam para casa, Mário disse, "Você teve uma idéia formidável, Suelí. Enquanto ajudamos Dona Clarice, podemos ficar de olhos abertos e talvez descobrir alguma pista para êste mistério!" *Continua.*



Centro Cultural Polinésio

David W. Cummings

Há mais de um século atrás, a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, embora pequena em número e poder, começou a estabelecer missões. Duas delas eram singulares — a Indígena e sua prima, a Polinésia.

O profundo interêsse da Igreja pelos polinésios continuou a crescer constantemente. A Igreja construiu um templo no Havaí e outro na terra dos Maoris — a Nova Zelândia. Espalhou-se uma rêde de capelas e trabalho missionário através da Polinésia e foi estabelecido um moderno sistema de escolas, como por exemplo, a Faculdade da Igreja, no Havaí.

Além dessas evidências de interêsse religioso e educacional, os observadores santos dos últimos dias têm partilhado do orgulho dos polinésios por suas artes e habilidades antigas e por sua cultura secular de alto grau.

Com o correr dos anos, os polinésios começaram a compreender que tinham uma cultura vã. Os velhos mestres haviam passado e muitos poucos tomaram seus lugares. Os sábios que haviam conservado na memória as tradições não escritas estavam desaparecendo, tornando cada vez mais escassa a sua ciência.

Devido a isso, o assunto pedia uma ação decisiva. Após longa observação, experiências e pesquisas intensivas, criaram algo absolutamente único no gênero. Designado para servir os interêsses de tôda a população da Oceania, idealístico e demonstrando a mais alta essência polinésia, sendo um dos lugares mais fascinantes para se visitar, surgiu o Centro Cultural Polinésio, no Laie, Havaí.

Andar pelo Centro Cultural é o mesmo que fazer uma viagem por tôda a Oceania. Vêem-se maoris, taitianos, fijianos, havaianos, samoanos e tonganeses, cada grupo ocupando sua própria aldeia. Você os vê demonstrar suas artes e habilidades, vivendo sua maneira folclórica e pitoresca, refletindo, na atividade diária, uma cultura nascida do passado.

Com efeito, o Centro Cultural é a janela da Polinésia — seis aldeias povoadas por seis ramos de uma só raça, num lugar magnífico — a única oportunidade no mundo para se ver a realidade em tôda a sua beleza, mostrando a herança da qual os polinésios são tão orgulhosos.

Com tudo isso para despertar o interêsse, não é de surpreender que o Centro, mesmo antes de terminado, foi reconhecido como o ponto turístico de maior interêsse no Havaí. O gerente de uma linha aérea dessa ilha declarou que é o ponto mais visitado do Havaí desde a guerra. Mas existe algo de curioso a respeito, pois seu propósito principal absolutamente não visava o turismo. Ainda assim, é um paradoxo muito auspicioso, porquanto, maior fôr o número de pessoas a visitarem o Centro, melhor difundido será seu propósito.

Considera-se que centenas de milhares de turistas visitam o Centro anualmente. Dista uns setenta quilômetros de Honolulu e possui uma rodovia bastante acessível, de onde se descortina um dos mais bonitos cenários do Havaí. À esquerda da estrada principal, vê-se as verdes Montanhas Koolau e à direita o quebrar das ondas do Pacífico e, entre ambos, a vastidão de maravilhosos contrastes. O Laie é uma comunidade mórmon há mais ou menos um século; é onde ficam o Templo do Havaí, a Faculdade da Igreja e o Centro Cultural Polinésio.

O Presidente David O. McKay, há muitos anos atrás, previu que o Laie tornar-se-ia um ponto de atividade cultural e espiritual no Pacífico. Junto com Edward L. Clissold, Wendell B. Mendenhall e outros, trabalhou bastante nesse projeto. Sua visão tornou-se realidade.

O Centro possui uma geografia própria. Cada aldeia tem um nome; vê-se uma curta frase na língua nativa, depois traduzida para o inglês, em placas pitorescamente colocadas. Como uma fita, unindo as seis aldeias, há uma lagoa natural. Pontes estendem-se ligando as aldeias. Cada extremidade das pontes é decorada com um adôrno próprio da aldeia a que dá entrada. No centro da lagoa existe uma ilha repleta de coqueiros.

Há de três a cinco estruturas em cada aldeia, tendo cada uma seu uso peculiar; por exemplo, a aldeia Fijian tem um templo, uma casa principal, uma casa de conselho, uma casa antiga e um agrupamento de moradias. Douglas W. Burton, arquiteto de Los Angeles, desenhou o Centro com tôdas as suas estruturas e traços. Gastou dois ou três anos em pesquisas, para ter certeza de que a arquitetura seria autêntica em todos os detalhes.

Um detalhe particular do Centro é a aldeia maori, consistindo de uma grande casa para reunião e duas outras, tôdas ornamentadas com fantásticas gravuras e painéis que tornam os maoris famosos. Nenhuma coleção similar existe em outra parte.

Perto de uma das extremidades do Centro, há um palco e em frente a êste vários bancos, formando um grande anfiteatro. As paredes dos vestiários são de madeira; alí se realizam danças e canções polinésias, em duas apresentações diárias.

Existem guias para mostrar o Centro aos visitantes, que também possui serviço de almôço. Cobram uma pequena taxa de visita, cujos fundos são usados para pagamento da construção e manutenção.

O Centro Cultural prega poderoso sermão. Sob a direção de supervisores do continente, êsse lugar foi construído em grande parte por nativos, que se dedicaram de todo coração. Os visitantes vêem nêle uma demonstração de fé e fidelidade, que não sòmente causa admiração, mas também o desejo de conhecer mais sôbre religião. O sermão, feito em têrmos de cultura antiga, por um dos ramos da Casa de Israel, alcança centenas de milhares de pessoas anualmente. Os resultados são incomensuráveis.

Entrementes, essa legião de visitantes será o instrumento para se alcançar os objetivos básicos e principais do Centro Cultural, que são fazer dêsse centro uma fôrça revitalizante, aperfeiçoar novas técnicas e incutir nova vida à cultura que estava tràgicamente desaparecendo e que talvez, sem êsse esfôrço, nunca mais revivesse.

Os membros da Igreja das principais ilhas polinésias são chamados para habitar as aldeias do Centro. E aí incluem-se os que vão ensinar e os que vão aprender. Os estudantes da faculdade da Igreja, que sonham com isso, podem juntar-se aos aprendizes. Quando seu tempo termina, retornam às suas casas, enriquecidos com o mais lindo tesouro das raças — arte e habilidade em lindas côres. Outros os substituirão no Laie, num incessante turno através dos anos. Com êsse objetivo importante, é que o Centro Cultural Polinésio foi criado. É o santuário de uma glória antiga, destinada a manter-se realmente viva!

A Igreja expande as designações das Autoridades Gerais

Henry A. Smith

Henry D. Taylor

Harold B. Lee

El Ray L. Christiansen

Anunciou-se um plano de supervisão, que ampliará mundialmente as designações do Conselho dos Doze Apóstolos e outras Autoridades Gerais da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

O nôvo plano divide as missões do mundo em doze grandes áreas, estando cada membro do Conselho dos Doze diretamente encarregado de uma. Um ou mais assistentes dos Doze ou do Primeiro Conselho dos Setentas servirá como supervisor de cada área.

As cartas de designação, nas quais a Primeira Presidência especifica as responsabilidades dessas Autoridades Gerais já foram enviadas. As designações tornaram-se efetivas em agôsto do corrente ano. Algumas delas serão modificadas periòdicamente.

Os membros do Conselho dos Doze e os supervisores residirão em Lago Salgado. Com essa atitude, foram fechadas a Missão Européia, em Frankfurt, a Missão Européia do Oeste, em Londres e a Missão Sul-Americana, em Montevidéu.

Em cada área, como já dissemos, os supervisores estarão diretamente subordinados a um membro do Conselho dos Doze, o qual determinará o plano de supervisão a ser seguido e as visitas a serem feitas.

Em adição aos seus deveres como supervisores de área, o nôvo programa inclui outras designações sob a responsabilidade dos assistentes dos Doze e do Primeiro Conselho dos Setentas. Entretanto, nem todos os membros dêsses dois grupos receberam tal tipo de designação, conforme indicaremos mais adiante.

As áreas, incluindo-se as missões e seus respectivos dirigentes são as seguintes:

LeGrand Richards

William J. Critchlow Jr.

Missão Americana do Oeste:

Inclui as Missões Alasco-Canadense, Californiana, Californiana do Norte e dos Estados do Noroeste. Esta área ficará sob a direção do Élder LeGrand Richards, do Conselho dos Doze e supervisão de Élder William J. Critchlow Jr., Assistente dos Doze.

Delbert L. Stapley

John Longden

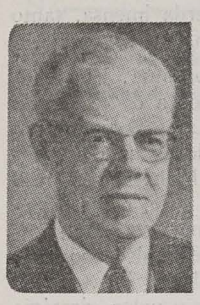
Missão Intermontanhesa e Indígena:

Inclui as Missões Indígena do Norte, Indígena do Sudoeste, Canadense do Leste, dos Estados Centro Oeste e dos Estados do Leste. Esta área ficará sob a direção do Élder Delbert L. Stapley, do Conselho dos Doze e supervisão do Élder John Longden, Assistente dos Doze.

Além disso, o Élder Longden assistirá o Élder Stapley na restauração de bênçãos e assuntos relativos.

Missão Americana Central:

Inclui as Missões dos Estados Centrais, dos Grandes Lagos, dos Estados do Golfo, dos Estados Setentrionais, Texana e dos Estados do Centro Norte. Esta área ficará sob a direção do Élder Richard L. Evans, do Conselho dos Doze, e supervisão



Richard L. Evans

Bernard P. Brockbank

do Élder Bernard P. Brockbank, Assistente dos Doze.

O Élder Brockbank, juntamente com o Élder Dyer supervisionará a Missão da Praça do Templo e outras missões de templos, sob a direção do Serviço de Informação da Igreja.

Missão Americana do Leste:

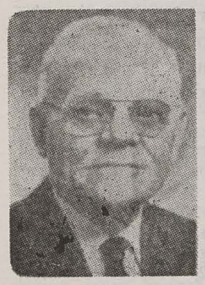
Inclui as Missões Canadense, de Cumorah, dos Estados do Leste, da Nova Inglaterra, e do Atlântico Ocidental. Esta área ficará sob a direção do Élder Harold B. Lee, do Conselho dos Doze, e supervisão do Élder Henry D. Taylor, Assistente dos Doze.

O Élder Taylor continuará a servir o Bispado em Presidência e os conselheiros dos Doze na promoção do Programa de Bem-Estar, na qualidade de diretor do Comitê de Bem-Estar.

Missão Americana do Sudoeste:

Inclui as Missões dos Estados do Centro Leste, Centro Atlântica, dos Estados do Sul e da Flórida. Esta área também ficará sob a direção do Élder Lee e supervisão do Élder ElRay L. Christiansen, Assistente dos Doze.

O Élder Christiansen também assistirá o Élder Howard W. Hunter, do Conselho dos Doze, em assuntos relacionados aos templos da Igreja.



Marion G. Romney

A. Theodore Tuttle

Missão Hispano-Americana do Norte:

Inclui as Missões Centro Americana, Guatemalteca, Mexicana, Mexicana do Sudeste, Mexicana do Norte, Mexicana do Oeste, Hispano-Americana e Hispano-Americana do Oeste. Esta área ficará sob a direção do Élder Marion G. Romney, do Conselho dos Doze e supervisão do Élder A. Theodore Tuttle, do Primeiro Conselho dos Setentas.

O Élder Tuttle também servirá como assistente do Élder Hinckley, e Élder Kimball, que é presidente do Comitê Executivo Missionário.

Gordon B. Hinckley

Marion D. Hanks

Thomas S. Monson

Paul H. Dunn

Missão Oriental e do Havaí:

Inclui as Missões Havaiana, Coreana, Extremo Leste Setentrional e Extremo Leste Meridional. Continuará, como até o presente, sob a direção do Élder Gordon B. Hinckley, do Conselho dos Doze e supervisão do Élder Marion D. Hanks, do Primeiro Conselho dos Setentas.

Missão do Pacífico Sul:

Inclui as Missões Australiana, Australiana do Sul, Franco-Polinésia, Neo-Zelandesa, Neo-Zelandesa do Sul, Rarotonguesa, Samoana e Tonganesa. Esta área ficará sob a direção do Élder

Spencer W. Kimball

Franklin D. Richards

Thomas S. Monson, do Conselho dos Doze e supervisão do Élder Paul H. Dunn, do Primeiro Conselho dos Setentas.

Missão Sul-Americana:

Inclui as Missões Andina, Argentina, Argentina do Norte, Brasileira, Brasileira do Sul, Chilena e Uruguaia. Esta área ficará sob a direção do Élder Spencer W. Kimball, do Conselho dos Doze e supervisão do Élder Franklin D. Richards, Assistente dos Doze.

Missão das Ilhas Britânicas:

Inclui as Missões Britânica, Britânica do Norte, Britânica Central, Britânica do Sul, Britânica do Sudoeste, Irlandesa, Escocesa e Sul-Africana. Esta área ficará sob a direção do Élder Ezra Taft Benson, do Conselho dos Doze e supervisão do Élder Sterling W. Sill, Assistente dos Doze.

Missão Européia:

Inclui as Missões Austríaca, Berlinense, Germânica do Norte, Germânica Central, Germânica do Sul, Germânica do Oeste e Suiça. Esta área ficará sob a direção do Élder Mark E. Petersen, do Conselho dos Doze e supervisão do Élder Thorpe B. Isaacson, Assistente dos Doze.

O Élder Isaacson também assistirá o Élder Kimball, o Élder Stapley e

Ezra Taft Benson

Sterling W. Sill

Mark E. Petersen

Thorpe B. Isaacson

o Bispo John H. Vandenberg, que formam o Comitê Financeiro da Igreja, na supervisão do serviço clerical e de finanças, nos setores pelos quais os Doze são responsáveis.

Missão da Europa Ocidental:

Inclui as Missões Dinamarquesa, Finlandesa, Franco-Belga, Francesa, Francesa do Leste, Neerlandesa, Norueguesa e Sueca. Esta área ficará sob a direção do Élder Howard W. Hunter, do Conselho dos Doze e supervisão do Élder Theodore M. Burton, Assistente dos Doze.

O Élder Burton também ajudará o Élder Hunter a dirigir a Sociedade Genealógica e continuará como diretor dos Comitês Genealógico e de Serviço Templário.

Howard W. Hunter

Theodore M. Burton

Autoridades Diretas

A supervisão de caráter mundial das missões da Igreja acentua a grande responsabilidade que pesa sôbre os membros do Conselho dos Doze e seus assistentes.

Como Presidente do Conselho dos Doze, Joseph F. Smith não terá designações específicas, a fim de desempenhar suas responsabilidades quanto às designações dos Doze, Setentas e Bispado em Presidência. O veterano líder é também Historiador Geral da Igreja.

A Igreja...

(cont. p. 9)

peza de tôdas as dependências. Estou bastante acostumado com os *Green Rooms* e os bastidores dos teatros europeus, mas nunca vi, nem em teatros italianos ou austríacos, tantos arranjos delicados para o isolamento e confôrto. É levado em consideração o confôrto de tôdas as pessoas e nem com portas ou sem elas encontramos o tumulto do nosso Drury Lane ou Lyceum. Não há prostitutas, batedores de carteira, crianças maltrapilhas, bêbados ou blasfemos."

O Teatro de Lago Salgado foi construído com propósito expresso de expandir a mente do povo e enaltecer o gôsto literário da comunidade. Os dramas eram apresentados ao povo, para que se alegrassem com o que na filosofia do mormonismo é sinônimo de progresso moral, físico e espiritual.

Na extensa oração dedicatória, o que, por si só é incomum em teatros, Daniel H. Wells pediu, "Que a ordem, virtude, retidão, sobriedade e todo o mérito surjam e permaneçam aqui." Então, Brigham Young tratou de verificar se o povo estava fazendo sua parte quanto aos dizeres da oração. Pediu para que o Senhor Onipotente abençoasse e preservasse todos os que atuassem naquele palco, para que fôssem, "virtuosos, fiéis e humildes ante o Senhor, como se estivessem em missão para pregar o evangelho." Em verdade, considerava os membros da Associação Dramática Deseret como missionários. Êle preveniu o povo de que, "se qualquer coisa contrária à rígida virtude e decência fôr descoberta, os ofensores deverão deixar o recinto." E assim o fêz. Mais de uma vez os considerados "violentamente ignorantes" foram escoltados pelos porteiros.

A conduta nos teatros do mundo na metade do século XIX não era exemplar e as atrizes geralmente eram olhadas de soslaio, mas por seus princípios, o Teatro de Lago Salgado era completamente diferente. Isso foi, como se dizia, um grande passo de civilização no oeste longínqüo.

O Teatro de Lago Salgado serviu fielmente como centro cultural mórmon por 65 anos. Em sua época, não só apresentou peças, mas também balês e óperas. Infelizmente, em 1929 o prédio foi demolido para dar lugar à moderna expansão urbana e isto representou uma perda imensa, tanto para o povo quanto para a Igreja.

Mas a tradição continua. Em 1962, quase um século após a dedicação do velho Teatro de Lago Salgado, um nôvo teatro foi dedicado na Universidade de Utah. O Pioneer Memorial Theater permanece hoje, como testemunho vivo do amor dos mórmons pelo teatro. Êsse prédio ultra moderno é dotado com a última palavra em equipamentos, desde o palco giratório até os contrôles eletrônicos. Possui ar condicionado em tôdas as dependências, a fim de propiciar confôrto ao auditório. Espera-se que no palco dêsse nôvo teatro a antiga tradição teatral da Igreja mais uma vez continue.

O interêsse pelo teatro é difundido pela Igreja e é promovido através dos programas da AMM. Devido à sua organização de caráter mundial, a Igreja pode vangloriar-se de possuir o maior corpo teatral amador do mundo.

No Brasil, o movimento teatral está começando a dar seus passos. Recentemente, a Missão Brasileira organizou uma companhia de teatro, formada por membros e amigos da Igreja, aficionados ao teatro. Essa companhia viajará por tôda a missão, apresentando peças para o entretenimento das famílias. Sob a direção do Élder Michael E. Evans, o grupo está apresentando atualmente "O Casaco Encantado," uma peça para distrair pessoas de tôdas as idades. Espera-se que através dêsse grupo e de outros similares, o teatro mórmon de 1960 coloque-se ombro a ombro com o teatro pioneiro de 1860.

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias procura a verdade em tôdas as coisas: da mesma forma que examina as escrituras, representa as manifestações dessa verdade na arte dramática.

Mas, para tornar êsse movimento teatral bastante conhecido, é preciso um esfôrço em comum. Será que estamos desempenhando a nossa parte?

---

* O conteúdo desta publicação foi compilado dos artigos *Pioneer Interest in the drama*, do Dr. Leland H. Monson e *Why the Pioneer Memorial Theater*, de Ila F. Maughan, apresentados na revista The Improvement Era de abril/64 e março/62, respectivamente, sendo a adaptação feita pelo Élder Michael E. Evans.

Notas sôbre o viver

Grant Madison

Na região onde vivo, o inverno é a estação dos estoques, tanto espirituais como materiais. Os vegetais, as frutas, a carne e os peixes são enlatados, ou dependurados no teto do porão. As ervas sêcas e os sacos de feijão, ervilhas e sementes, são dependurados nos caibros. Meu pequeno depósito subterrâneo transborda com a quantidade dessas coisas: ou ainda, com alimentação de luxo, que ao ver no mercado, não consegui resistir.

Quando tudo está em ordem, pode-se dizer que esperamos um assédio. Bem, nunca sabemos. Concordo com o plano de bem-estar da Igreja, em que cada chefe de família tem uma certa quantia de alimentos para que o imprevidente não tenha que abusar do previdente, quando chegar a necessidade.

Esta época também é boa para ver o que está faltando nas prateleiras espirituais e remediar as faltas, se possível — uma boa época, também, para voltar os olhos ao passado, e ver quantas almas ajudei até hoje. Depois dos dias de armazenamento do outono, dos longos e sombrios dias de inverno, os brilhantes dias de primavera revigoram o coração.

Talvez a lua tenha algo a ver com isso, também, essa lua cheia que hoje está enchendo o vale com seus raios misteriosos e lindos. Existem luas cheias em outros lugares, é claro, mas o que elas fazem é que tem valor. E aquêle excitamento que nos faz vibrar de alegria por estarmos vivos, aqui, neste momento, para ver tal glória. Mas é um pouco difícil sentir-se assim quando estamos com cãimbra no pescoço devido a perscrutarmos por entre as multidões e os grandes edifícios. Conheço bem essas coisas.

Sei, também, que a palavra "dificuldade" e seus sinônimos são as que mais ouço quando minha vida, nestas montanhas, está em discussão. Quem sabe você pense que seja um crime apreciar o trabalho pesado. Talvez seja isso que esteja errado com o mundo. Tudo, menos o prazer e a vida fácil tornam-se difíceis — e morre o pensamento de que devemos fazer o que não queremos.

O trabalho é considerado uma carga hoje em dia e o homem que trabalha por amor ao trabalho é considerado suspeito. Tornamo-nos peritos em táticas: parecendo estarmos sempre ocupados, mas realmente realizando menos do que poderíamos fazer em três horas "puxadas". Se algo é difícil, deixamos para amanhã — e o homem que continua sempre deixando para amanhã é sabido.

Esta técnica produz evasões, excusas, mentiras. Assim, nossa fibra moral degenera inevitàvelmente. Então vem a crise — e onde estamos? Provàvelmente participando de uma cena que faz o tecnicolor parecer descolorido. Estamos empurrando, gritando, lutando — por que? Porque alguém subiu em algum caixote e disse-nos para fazer isso ou porque os outros estão fazendo — duas das piores razões para estarmos escutando tal coisa.

Não é por acidente ou mero conceito que um ditador promove comícios e desfiles. Êle sabe que, quando várias pessoas reunem-se, falam e agem da mesma maneira e suas mentes podem ser movidas como moinhos de vento, por qualquer brisa de eloqüência.

Estamos prontos a concordar com qualquer pessoa, sôbre qualquer coisa, em qualquer lugar. Oh, podemos criticar, sim, pois somos tão negativos como os elétrons, mas se alguém nos pede para fazer alguma declaração firme e positiva, é aí que desistimos. Tenho visto nossa positividade retroceder cada vez mais, enquanto que a onda repugnante do pensamento negativo continua a crescer, e seremos dominados por êle, se não tivermos cuidado.

O que precisamos é *crer em algo*. Uma crença tão forte que, quando chegar a hora da explicação definitiva, nossa fé seja a única coisa importante. Sim, sei que a fé saiu da moda, bem como os ideais, "noblesse oblige" e outros atributos que fazem o sol brilhar num dia chuvoso. O oportunismo é nossa divisa, agora, e preocupamo-nos muito mais com o que os outros pensam do que nós próprios pensamos. Se é que pensamos. Às vêzes duvido.

Sim, precisamos de fé... precisamos, também de coragem — coragem para termos fé, sem nos preocuparmos com quantos ou quais estejam contra nós. Coragem para fazer o que precisa ser feito, viver com pouco e preocupar-se menos.

Os dispositivos de um viver luxuoso podem transformar-se em fracos quebra-ventos, quando o vento sul soprar.

Às vêzes, falo assim com pessoas que consideram êsses dispositivos as coisas mais importantes da vida. Alguns olham para mim, como se minha cabeça fôsse uma caixa de parafusos sôltos e barulhentos, outros ouvem e calam. Eu não lutaria por uma vida assim. Antes, lutaria por estas montanhas, êste rio e o que significam para mim; lutaria pelo direito de poder dizer o que sinto e fazer o que quero, até onde não fira ninguém. Lutaria pelo direito de fazer as coisas da *minha* maneira; pelo direito de ler e sonhar, deitado ao sol — pelo direito de crer em Deus, sem que os outros riam ou façam troça de mim.

Quero dizer a verdade sem temor, mostrando amor, sem decepção. Quero preocupar-me com meus vizinhos, ajudá-los a serem melhores do que jamais fui. Creio que podemos resumir tudo isto, dizendo: quero viver — "viver" e não existir. Não quero arrastar-me na vida como um inseto; quero caminhar como um homem. Minha cabeça pode estar nas nuvens, mas meus pés, é o que oro, estarão sempre firmes nesta boa terra marrom; que possam êles manter-me sempre atento às realidades da vida.

PROGRAMA NOITE FAMILIAR

LIÇÕES PARA DEZEMBRO

1.ª SEMANA

OBTER O TESTEMUNHO DO EVANGELHO ATRAVÉS DO ESPÍRITO SANTO

Introdução:

O dom do Espírito Santo é dado a cada pessoa que se afilia à Igreja. Muitos membros não compreendem que a mais importante missão do Espírito Santo é prestar testemunho do nosso Pai Celestial e Jesus Cristo. Para que o Espírito Santo continue com essa missão em nossas vidas, há ações que devemos praticar continuamente, tais como estudar, orar e viver o Evangelho.

O que aprendemos sôbre o Espírito Santo na semana passada? (Orientará nossas vidas diárias se ouvirmos Seus ditames.)

Discuta os resultados da designação para a semana que passou. Pergunte: Vocês percebem quando o Espírito Santo os orienta? O que os faz compreender que o Espírito Santo os ajudará a tomar decisões certas cada dia?

Lição:

1. *O que é testemunho do evangelho*

Convide cada membro da família para contar sôbre o testemunho que o impressionou profundamente. O que é testemunho do evangelho? Discuta. É a firme convicção de que: 1. Deus vive e é nosso Amado Pai Celestial. 2. Jesus Cristo, Seu Filho, é o Redentor do mundo. 3. Joseph Smith foi o Profeta de Deus que restaurou a verdadeira Igreja de Jesus Cristo na terra.

Quando uma pessoa tem a convicção de que estas três coisas são verdadeiras, ela tem o testemunho do evangelho.

2. *O testemunho através do Espírito Santo*

Pergunte à família: Como é possível obter um testemunho? Através das seguintes escrituras, conclua que ninguém obtém o testemunho do evangelho, a não ser por meio do Espírito Santo. Peça para lerem Mateus 16:13-17. Repita os versículos 15-17. Pergunte: Por que nosso Pai Celestial revelou a Pedro que Jesus era o Cristo? (A resposta acha-se em I Coríntios 12:3) Leiam juntos as palavras de Paulo, "... ninguém pode dizer: Senhor Jesus, senão pelo Espírito Santo." Peça-lhes para fechar as Bíblias e dizer a escritura de cór. Escreva-a onde todos possam vê-la durante a semana.

O seguinte excerto é de Brigham Young: "Se todo talento, tato, sabedoria e refinamento do mundo tivessem sido enviados a mim com o Livro de Mórmon e declarassem com a maior exaltação sôbre a sua veracidade, tomando como prova a sabedoria e o conhecimento, êle teria sido para mim como a fumaça que se levanta, para depois desaparecer. Mas quando vi um homem sem eloqüência ou talento dizer em público, "eu sei pelo poder do Espírito Santo que o Livro de Mórmon é verdadeiro, que Joseph Smith é um profeta do Senhor," o Espírito Santo naquele indivíduo iluminou minha compreensão e fêz com que a luz, glória e imortalidade ficassem diante de mim." Fui rodeado por tudo isso e soube que aquêle testemunho era verdadeiro. (Journal de Discourses, vol. 1, p. 90)

Um missionário escreveu a seguinte carta a seus pais:

"Uma coisa aprendi em minha missão, é que o testemunho vem através do Espírito Santo. Aprendi que quando somos humildes, e nos "sintonizamos" com Êle, nossas reuniões são diferentes. Aquêles a quem ensinamos, sob essas condições, aceitam nossa mensagem. Sabemos que não os convertemos, mas sim o Espírito Santo.

Certa vez, quando Pedro recebeu o Espírito Santo (Atos 2), falou com tanto poder e prestou um testemunho tão forte que muitos vieram à Igreja. Pedro não era a mesma pessoa, comparado com a noite em que Jesus foi prêso, pois negou por três vêzes que O conhecia. Para as crianças menores, você poderá contar como o Espírito Santo veio aos apóstolos, de acôrdo com a promessa de Cristo ao deixá-los. A fim de mostrar o poder e testemunho de Pedro, quando falou ao povo após receber o Espírito Santo, leia Atos 2: 36-38.

Discuta: por que o povo não se enraiveceu quando Pedro disse que haviam crucificado Cristo, o qual sabiam ser Seu Redentor? Por que lhes disse, "que faremos, irmãos?" Certifique-se de que os membros da família compreendem que Pedro estava cheio do Espírito Santo; o povo sentiu êsse poder e por isso foi convertido.

3. *A compreensão do evangelho cresce gradualmente*

Peça aos filhos para contarem o que a confirmação da Igreja faz às pessoas. Saliente o ponto de que receberam o direito de orientação do Espírito Santo. Conte-lhes que para obter o testemunho, deverão desejar com sinceridade ter a companhia constante do Espírito Santo e êsse desejo os conduzirá a orar, estudar e viver os ensinamentos de Cristo. Convide um dos filhos (com antecedência) a ler Alma 32:27-28. Alma está explicando como saber se as coisas do Pai são verdadeiras.

As palavras do Pai em nosso coração, podem ser como sementes que plantamos. Se a palavra do Pai é incutida em nosso coração, o que não devemos fazer se aprendemos a verdade? (Alma diz que não podemos negligenciá-la ou esquecê-la; se resistirmos ao Espírito Santo do Senhor, Êle nos deixará. O que devemos aprender sôbre a palavra que é boa? (Devemos "deixar o desejo de trabalhar em você" e êle se desenvolverá em algo semelhante às sementes que crescem, pois foram bem cuidadas.) Leia novamente as palavras de Alma, no versículo 28.

Talvez seja muito pouco, comparar a compreensão do evangelho com uma semente. É possível fazer uma semente crescer e dar frutos em um ou dois dias? Não, pois não cresceria gradualmente. A compreensão do evangelho cresce do mesmo modo.)

Ocasionalmente, podemos ouvir de pessoas que obtêm testemunho após uma espetacular experiência religiosa. O Pres. Woodruff, que teve várias experiências em sua vida, disse num sermão, após relatar algumas delas, que apreciou mais de tôdas a companhia do "ciclo suave e tranqüilo" do Espírito Santo.

Paulo teve uma espetacular experiência religiosa, que o converteu à Igreja antes de aprender o evangelho. Entretanto, sua compreensão sôbre o mesmo cresceu e deu-lhe forças, pois orou, estudou e viveu Suas leis. Escreva no gráfico ou numa fôlha de papel, as experiências que cada um deve ter para a compreensão do evangelho; são estas:

a. desejo sincero e determinado de conhecer o evangelho.
b. orar
c. estudar.
d. viver o evangelho.

Depois de contar a história abaixo, peça a um filho para dizer como Regina veio a ter maior compreensão do evangelho, através da influência do Espírito Santo. A história deverá ser preparada antes da noite familiar:

Desde muito pequena, Regina desejava saber se a Igreja era verdadeira. Com as experiências que teve através dos anos, sua compreensão sôbre o evangelho cresceu passo a passo.

- Certo dia, Regina, que tinha 8 anos, foi comprar um carretel de linha. A mãe colocou o dinheiro na bolsinha e disse-lhe para não perdê-lo. No meio do caminho, Regina resolveu contá-lo. Na hora de pagar o carretel, não encontrou o dinheiro e voltou chorando para casa; orou sinceramente para o Pai ajudá-la a achar o dinheiro. Depois

PROGRAMA SUGERIDO
1.a semana

Hino: Espírito de Deus, n.º 50 (3.a estrofe).
Oração:
Lição: Obter o testemunho do evangelho através do Espírito Santo.
Objetivo. Procurar a companhia do Espírito Santo através, de experiências que nos ajudam a obter um testemunho.
Poesia: Pelo filho menor.
Memorização: Mateus 6:14.
Atividade: Visitar os avós.
Hino: Dá-nos Tu, Pai Bondoso, n.º 99.
Oração:
Lanche: Sagú.

de orar, sentiu uma profunda calma. Quando chegou ao lugar onde havia aberto a bôlsa, encontrou-o no chão, Através da oração, sentiu a presença do Confortador.

- Quando já estava no colégio, sua professôra da Escola Dominical pediu à classe para ler o Livro de Mórmon. Regina começou a lê-lo, com a intenção de competir com os outros alunos, vendo quem terminaria primeiro, mas logo começou a se interessar. Orou ao Pai Celestial, como Moroni (10:4-5) havia sugerido, "Com o coração sincero e boa intenção." Quando terminou o livro, sentiu a suave presença do Espírito Santo. Sabia com todo seu ser, através do Espírito Santo, que os registros eram verdadeiros.

- Regina tinha uma grande amiga, que morava perto de sua casa. Iam e voltavam juntas da escola e Igreja e partilhavam seus segredos. Certo dia, Dirce ficou muito doente, com meningite. Regina orou pelo seu restabelecimento; estava certa de que a amiga ficaria boa, mas ela faleceu; êsse foi um período muito duro. "Por que Dirce havia morrido?" ficava pensando. "Por que minha oração não foi respondida?" Finalmente, Regina falou de seu problema com o Pai Celestial e desabafou-se com Êle. E foi compreendendo que nem sempre o que desejamos é o melhor; nosso Pai é sábio e devemos aprender a dizer, "Seja feita a Tua vontade." "Aprendeu que as orações são respondidas, mas nem sempre como esperamos. Depois de haver compreendido tudo isso, veio-lhe a paz, fé e certeza da influência do Espírito Santo e viu que suas orações é que possibilitaram essa compreensão.

- Certa vez, Heloisa, a irmã mais velha de Regina, pegou seu par de meias. Regina ficou furiosa, mas lembrou-se das palavras de Jesus, "porque se perdoares aos homens suas ofensas, também vosso Pai Celeste vos perdoará" (Mat. 6:14). Entretanto, não tinha a intenção de perdoar Heloisa, mas lembrou-se ainda, "se, porém, não perdoardes aos homens, tampouco vosso Pai vos perdoará vossas ofensas" (Mat. 6:15). Regina lembrou-se das coisas que havia feito e que foram perdoadas por Heloisa. E assim, pediu desculpas à irmã, por haver sido tão indelicada. Heloisa também reconheceu que estava errada e prometeu dar-lhe um nôvo par de meias.

Com êsse acontecimento, Regina aprendeu que o princípio de perdão, ensinado por Jesus, é verdadeiro. Soube que a compreensão cresce à medida que vivemos o princípio.

- Quando já estava na universidade, algumas amigas, que também eram da Igreja, contaram-lhe que haviam perdido seus testemunhos devido às aulas de filosofia. Mas Regina tinha um forte testemunho e não desejava perdê-lo; por isso, durante o curso decidiu-se que:

- Continuaria ensinando na Escola Dominical.

- Freqüentaria regularmente as Reuniões Sacramentais e renovaria o convênio com o Senhor.

- Oraria ao Pai Celestial para ajudá-la a discernir a verdade do êrro.

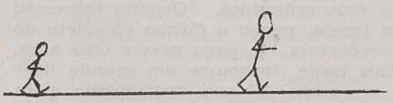
- Pediria a ajuda do Espírito Santo.

Em vez de perder seu testemunho, Regina obteve uma maior compreensão do evangelho e sentiu o poder do Espírito Santo testemunhando que o Evangelho Restaurado é verdadeiro.

Faça uma pausa após contar cada incidente, para colocar no gráfico os tipos de experiência que possibilitam ao Espírito Santo nos ajudar a obter um testemunho. Explique à família que a compreensão de Regina cresceu mais fortemente através dos anos, quando ela desejou fazer oração, estudar e viver o evangelho. Dessa forma, permitiu que o Espírito Santo operasse em sua vida.

Desenhe as figuras abaixo no gráfico, a qual demonstra que cada pessoa começa com uma compreensão relativamente fraca sôbre o evangelho e depois, de acôrdo com o seu desejo, continua a crescer através da vida, deixando que o Espírito Santo a guie, estudando e vivendo o evangelho. O importante é nos mantermos sempre na direção certa. Deixe a família exprimir-se sôbre qual seria a direção certa.

Fraca compreensão do evangelho — *Forte compreensão do evangelho*



A compreensão do evangelho cresce gradualmente

4. *A família se esforçará para aumentar a compreensão do evangelho*

É difícil de se calcular a bênção que adviria à família cujos pais, neste ponto da lição, dessem seus testemunhos sinceros e humildes. Tanto os pais como os filhos serão abençoados. A fé que resulta dessa experiência é alguma coisa que nunca perderão.

Peça a cada membro da família para lembrar e compartilhar daquela experiência que fortaleceu sua compreensão do evangelho.

Encoraje a família a procurar experiências no decorrer da semana, as quais ajudarão sua compreensão a crescer. Necessitarão ser fervorosos, observando suas ações a fim de dar oportunidade para que o Espírito Santo os inspire. Duas pessoas podem ter a mesma experiência e uma terá, talvez, maior compreensão do que outra. Por exemplo:

Lauro saiu aborrecido de casa, pois Armando ganhara seu nôvo carro e êle não tinha nenhum. O Irmão Dias estava no alpendre, em sua cadeira de rodas e cumprimentou os dois rapazes, dizendo, "Não está realmente um dia maravilhoso? Faz com que nos sintamos gratos ao Pai por vivermos nesta terra formidável." Lauro compreendeu que os carros não são as coisas mais importantes e ficou grato pelo que o Pai nos propicia. Armando, por outro lado, estava tão absorto com o carro, que nem notava tôdas essas coisas.

Algumas das experiências desta semana poderão ser sem importância, como o caso de Lauro. Mas você deverá planejar outras em sua noite familiar. Planeje bem esta lição, a fim de que seus filhos possam compreender tôda a importância do evangelho. Com certa família deu-se o seguinte:

No domingo, foram visitar os avós, que estavam meio adoentados; Saíram logo depois do jantar, para assitir a Reunião Sacramental. Durante a tarde, o pai pediu ao avô para contar o que lhe tinha acontecido, quando menino. O avô disse que não havia médicos em sua cidadezinha e dependiam inteiramente do Senhor quando ficavam doentes. Contou uma história promovedora de fé, dizendo como havia sido curado quando os élderes o abençoaram, já às portas da morte. Naquela tarde a família foi para a Igreja, procurando as experiências que poderiam ajudá-los a aumentar sua compreensão. E depois, em casa, comentaram o que havia acontecido.

Carlos disse como sentiu a mensagem dos hinos que cantaram na reunião; antes, nunca pensara no que as palavras significam. Todo o seu ser vibrou. Naquele momento êle sentiu a extensão do sacrifício de Cristo por êle.

Luís, que há pouco tempo tornara-se diácono, prometeu-se que ouviria atentamente as orações do sacramento e tentaria obter sua mensagem. Na oração ouviu que deveria lembrar de Jesuas e seguir Seus mandamentos. Enquanto distribuia o sacramento, sentiu Sua presença como nunca, antes.

Jane tinha o hábito de divagar durante o sacramento. Prometeu-se que pensaria em como Jesus a amava, por ter desejado morrer, para que voltássemos ao Pai. Isso deu-lhe um sentimento tão maravilhoso que prometeu ao Pai seguir os mandamentos de Jesus na próxima semana, da melhor maneira possível.

●

2.ª SEMANA

PERÍODO DE ATIVIDADE FAMILIAR

Na lição anterior, estudamos como se obtém um testemunho, através do Espírito Santo. Será útil, agora, ilustrar como uma pessoa obteve êsse testemunho. Será duplamente interessante mostrar à família o modo pelo qual seus próprios genitores obtiveram seus testemunhos.

Se isso não fôr possível, os membros da família poderão aprender de um converso como êle obteve seu testemunho.

Sugestões:

1. *Aprender como nossos genitores obtiveram seus testemunhos*

Conte como seus progenitores ganharam o testemunho do evangelho. Poderá ser um relato de como os primeiros membros da família entraram para a Igreja. Nesta atividade, apresente tudo o que conseguiu sôbre o assunto:

relatos de seus genitores, acontecimentos ligados ao seu ingresso na Igreja, etc. Entretanto, use todos êsses elementos da melhor forma, a fim de que sejam bastante significativos para a sua família. Um dos filhos poderá ler a carta enviada pelos avós. Se quiserem, vocês, pais, também poderão contar suas experiências. Procure obter um ambiente de reverência para êste período de atividade.

As histórias seguintes são exemplos que sua própria família talvez queira usar. Essas experiências realmente aconteceram e muitas vêzes foram contadas pelos pais aos seus filhos; agora são uma lembrança muito querida dos netos e bisnetos:

O testemunho de Nancy Kwant

Nancy tinha sòmente 14 anos quando sua mãe faleceu; era a mais velha dos 5 irmãos, um dêles um bêbe de 10 dias. Era muito miúda, mas cônscia de que o pai lhe confiara os cuidados dos irmãos. Naquela época, na Holanda, não era preciso que as meninas dessa idade freqüentassem a escola.

Nancy era profundamente religiosa e conhecia a Bíblia inteira, mas não estava satisfeita com a interpretação da religião calvinista que encontrava na Igreja Reformada Holandesa, à qual pertencia. Apesar de tomar conta das 4 crianças, ainda encontrava tempo para pensar em religião, pois aquela não a satisfazia. Aos 18 anos, por intermédio do primo adventista, começou a estudar sua doutrina e convenceu-se de que possuía a verdade, passando a praticar alguns dos seus princípios. Ela limpava e cozinhava durante a semana, mas observava fervorosamente o sábado; nunca contou ao pai esta sua afiliação.

Anos mais tarde, casou-se com William Kwant e foi morar na Alemanha. Todos os anos no verão, vinha à Holanda, para passar 4 semanas. Numa dessas viagens, sua irmã mais moça, que já se casara, disse-lhe que "nós encontramos o verdadeiro evangelho." A irmã e o marido haviam se tornado mórmons; um dos irmãos mais jovens também havia se afiliado à Igreja. Quando Nancy ouviu a doutrina dessa nova fé, ficou consternada e certa vez recusou-se a sair à rua com seu irmão, pois se envergonhava de sua nova religião.

Certa noite, o cunhado fêz uma tentativa de explicar-lhe a doutrina da nova religião. Conversaram até muito tarde e depois ela disse:

"Repentinamente o véu caiu e desanuviou meus olhos. Um espírito se apoderou de mim, desde a cabeça até os pés. Soube, com todo o meu ser, que era a verdade que eu procurava." Movida por essa experiência, nunca deixou de falar sôbre o assunto sem profunda emoção. Batizou-se semanas mais tarde e permaneceu um membro leal e entusiasta da Igreja até os 91 anos, quando morreu.

O testemunho de William Kwant

William Kwant veio da Alemanha para buscar sua espôsa, que estava de férias na Holanda e ela o saudou com as palavras, "Finalmente encontrei o verdadeiro evangelho." Êle protestou gentilmente, "O que, outra religião agora?" Mas ouviu pacientemente os membros da família explicarem sôbre o mormonismo e permitiu que a espôsa fôsse batizada. Entretanto, não tinha nenhuma religião e resistiu por oito anos. Finalmente, vencido pelas maneiras de sua espôsa, que vivia o evangelho, e por causa de suas orações, afiliou-se à Igreja. Disse, "Sabia, mesmo antes de ser batizado, que êste era o verdadeiro evangelho de Jesus Cristo, mas não queria crer; o Senhor tirou-me êsse testemunho e levei oito anos para obtê-lo novamente."

Durante êsses oito anos, sem o conhecimento da espôsa, guardou os dízimos de seus ordenados. Quando ingressou na Igreja, pagou o dízimo completo do que deveria ter pago nesses oito anos. Mais tarde, tornou-se um grande líder e seu ramo foi um instrumento para trazer muitas pessoas à Igreja.

PROGRAMA SUGERIDO

2.a semana

Hino: Meu testemunho.
Oração:
PERÍODO DE ATIVIDADE FAMILIAR
Objetivo: Aprender com os genitores ou com um converso, como obtiveram seus testemunhos e qual Sua influência na vida dessas pessoas.
Hino: À escolha.
Oração:
Lanche: À escolha.

2. *Reuna-se aos avós, para contarem seus testemunhos*

Se não fôr possível descobrir como obtiveram seus testemunhos, peça-lhes para contar as transformações operadas em suas vidas e os sacrifícios feitos por causa dos testemunhos.

Se os mesmos vivem perto, convide-os com antecedência, para que falem sôbre o assunto. Deixe-os saber que vocês não esperam algo espetacular, mas apenas uns relatos para que seus filhos e netos saibam como obtiveram êsse testemunho. Se não fôr possível que venham até sua casa, vocês deverão ir à dêles, levando refrescos e algo saboroso para comer.

3. *Reuna a família com um converso*

Se não fôr possível, como já citamos acima, que seus genitores dêem seus testemunhos, convide algum converso a vir à sua reunião, ou vá à casa dêle. Você poderá ler a carta enviada por êle.

Se quiser, faça essa noite familiar com uma ou mais famílias e peça a um converso que venha também, para contar como obteve seu testemunho.

Certa pessoa sempre diz que lembra do humilde, mas poderoso testemunho de um mestre familiar que visitava sua família. Como era estrangeiro, falava aos tropeços, mas deixou uma impressão bem profunda, pois sempre dava um testemunho fervoroso. Uma experiência assim ajudará muito a fazer com que os testemunhos de sua família aumentem.

Nota às famílias recém-conversas:

Se sua família foi convertida recentemente, talvez não tenha possibilidade de pôr em prática a primeira e segunda sugestões. Poderá, entretanto, usar os incidentes ilustrativos. Poderá também convidar um membro da Igreja, converso há bastante tempo, e que tenha um forte testemunho. Peça a êle para contar como obteve essa compreensão e qual o significado que tem em sua vida.

●

3.ª SEMANA

NO NATAL DEVEMOS HONRAR O NASCIMENTO DE JESUS CRISTO

Lição:

1. *Planejando as características natalinas*

Estude a lição antes de apresentá-la, mostrando à família o seu entusiasmo. Com idéias e por inspiração, torne êsse Natal memorável.

Convide a família para observar a família Veiga numa certa noite, duas semanas antes do Natal:

O pai está sentado à mesa, preocupado com as contas que haviam chegado; sabia muito bem que eram apenas o começo e haveria outras, tão logo o Natal terminasse. Gostaria que os filhos não pedissem coisas tão caras.

Marta, de 17 anos, pediu uma máquina de escrever só para ela. Jorge, de 14 anos, deseja um violão elétrico, enquanto Oscar, de 9 anos, resmunga pois não quer ganhar a bicicleta que foi de seu irmão e acha que deve ter uma nova, modêlo de luxo. Mesmo os mais jovens, Luís e Inês, desejam vários brinquedos caros. O coração do pai se comprime, pois êle sabe que êstes são apenas os presentes principais. Todos os filhos esperam muitas coisas e várias surprêsas.

O pai, em profunda meditação, fica irritado quando Oscar tenta chamar sua atenção, dizendo: "Sabe, papai, tenho uma excelente idéia para que tôda a família se alegre no Natal."

O pai diz impacientemente: "Não, agora, Oscar, não posso ouví-lo, pois tenho alguns cálculos a fazer."

A mãe também tem seus problemas. Planejou uma decoração muito cara para tôda a casa. Os vizinhos de sua rua fazem isso e ela deseja "igualar-se" a êles. O arranjo se chamará "Natal Azul." A família ficou horrorizada com a idéia de uma árvore de metal que ela planeja fazer, soldando pequenos triângulos dêsse material, o que apenas dá a "impressão de ser" uma árvore de Natal. Os filhos gostariam de ter o pinheiro tradicional, que estão acostumados a ver desde a infância, mas como a mãe está determinada a fazer algo diferente, não se interessam por ajudá-la. E a mãe fica em pânico ao ver que a casa ainda não foi decorada. Sente pena de si mesma por ter uma família tão egoísta. Ela também está

preocupada com os cartões. Deverá mandar aos que esqueceram de fazê-lo no ano passado ou vai esperar para ver se mandam êste ano?

Enquanto isto, Luís canta desafinado uma estrofe de sua invenção, "Natal, Natal, que é Natal?" A mãe, cansada, grita-lhe para que pare com aquilo.

Neste ponto, Marta chega sem fôlego, dizendo que está ensaiando uma peça tão sem graça! Duvida que o elenco todo apareça para o ensaio e se isso acontecer, ela e as amigas irão jogar boliche. A mãe pergunta-lhe, então, se ela não quer ficar para ajudar na decoração. E Marta responde, "Essa sua decoração é horrorosa, mamãe; além disso, realmente, tenho que ensaiar aquela peça." Diz isso e sai.

Oscar continua insistindo com os pais para interromperem o que estão fazendo, a fim de ouvirem o jôgo de Natal que êle inventou. Como os pais lhe dizem que estão muito ocupados, Luís diz que vai ensiná-lo na casa de Zèzinho e sai batendo a porta.

Marisa, de 2 anos, está cansada de brincar. Chora e grita só para chamar a atenção. É hora de dormir e precisa ser preparada. Entretanto, todos estão muito ocupados para notarem isso. Apesar de tudo, Luís continua com sua canção, "Natal, Natal, que é Natal?"

Após fazer a descrição da preparação do Natal dos Veiga, peça à família para expressar sua opinião sôbre o tipo de festa que terão.

2. *O que é Natal?*

Pergunte à família, qual a resposta à questão de Luís. Sem dúvida, você deverá mencionar que no Natal comemora-se o mais importante nascimento que o mundo já teve ou terá notícia. O Natal honra o nascimento de Jesus Cristo.

Reveja brevemente os ensinamentos das lições anteriores, sôbre o significado especial que o nascimento de Jesus tem para todos nós:

a. Êle tornou possível a nossa ressurreição.

b. Expiou por nossos pecados, possibilitando nosso perdão, se nos arrependermos.

c. Mostrou-nos como viver, de maneira a termos alegria na terra e eventualmente retornar ao nosso lar eterno.

Certifique-se de que a família compreende que a missão de Jesus Cristo foi possível devido ao amor: do Pai Celestial por seus filhos e de Jesus Cristo, desejoso de servir ao Pai e ajudar Seus irmãos. Relembre a seguinte escritura (João 3.16): "Por que Deus amou ao mundo de tal maneira que deu Seu Filho Unigênito, para que todo que n'Êle crê não pereça, mas tenha vida eterna."

3. *O amor faz diferença*

Peça à família para pensar mais uma vez nos Veiga, descrevendo como as coisas seriam diferentes se tivessem mostrado amor um pelo outro. Se êles estivessem cientes de que no Natal comemora-se o nascimento de Jesus, que diferença isso faria em seus planos?

a. O aspecto espiritual do Natal poderia tê-los ajudado a não dar ênfase ao aspecto comercial da ocasião.

b. Os presentes para cada familiar e para os amigos deveria ser uma conseqüência de seu amor, não uma troca de obrigações.

c. Deveriam desejar celebrar o Natal de uma maneira própria, que O agradaria.

4. *Celebração de aniversários*

Fale sôbre alguns costumes que sua família estabeleceu ao celebrar o aniversário dos filhos ou parentes; eis alguns:

a. Considerar o aniversariante rei ou rainha do dia, permitindo que êle escolha uma atividade especial que deseja fazer.

b. Permitir ao aniversariante que escolha seu alimento predileto, mesmo que seja sorvete na refeição matinal (Isso só será possível se o mesmo tiver acima de 10 anos.)

c. Cantar canções para a pessoa que está sendo homenageada.

d. Presenteá-la.

PROGRAMA SUGERIDO
3.a semana

Hino: Glória a Deus nas Alturas n.º 149.
Oração:
Lição: No Natal devemos honrar o nascimento de Jesus Cristo.
Objetivo: Fazer as mudanças necessárias no modo de celebrar o Natal, a fim de honrar o nascimento de Cristo e dar aos outros uma porção de alegria e amor.
Canção de Natal: Por tôda a a família.
Memorização: João 15:12.
Atividade: Veja o item 8 desta lição (história sôbre Jesus).
Hino: Erguei-vos cantando, n.º 154.
Oração:
Lanche: À escolha.

Peça a cada um dos familiares para descrever como se sente quando é homenageado em seu aniversário. (Sente-se amado, "especial", homenageado, mais íntimo dos membros da família.)

Saliente que não sòmente a pessoa homenageada sente-se feliz, mas também os outros familiares. Conclua que o amor demonstrado de várias formas é que torna uma celebração de aniversário repleta de alegria.

5. *Natal, a comemoração de um nascimento*

Diga à família que o sucesso na celebração de um aniversário depende de:

a. Agradar a pessoa que está aniversariando.

b. Trazer alegria e felicidade aos que participam.

c. Motivar sentimentos de intimidade de um para com o outro.

Ajude a família a compreender que os padrões acima aplicam-se não sòmente às celebrações de seus próprios aniversários, mas também à celebração do aniversário de Jesus Cristo. Podemos nos certificar que Jesus deseja que tenhamos alegria, pois disse, "Tenho-os dito essas coisas para que o Meu gôzo esteja em vós, e o vosso gôzo seja completo" (João 15:11); e também que o amor deve ser o motivo de tudo que fazemos, pois Êle disse, "O Meu mandamento é êste, que vos ameis uns aos outros, assim como vos amei" (João 15:12).

Diga à família que, se no Natal fazemos as coisas que trazem alegria e demonstram o amor mútuo, estaremos celebrando Seu nascimento de um modo que O agradará, pois disse, "Vós sois Meus amigos se fazeis o que vos mando" (João 1:4). Se os Veiga tivessem seguido êsses padrões, realmente teriam um "feliz" e "alegre" Natal.

6. *O plano para o Natal*

Nesse ponto, ajude a família a fazer planos para seu próprio Natal. Digalhes que decidirão o tipo de celebração que desejam, evitando os mesmos problemas da família Veiga. Comece pedindo a cada familiar para descrever o que é, em sua opinião, a parte mais importante e memorável do Natal. Não há dúvida de que todos ficarão surpresos por verificar que as coisas mencionadas quase não têm relação com dinheiro.

Cada família necessitará, também, considerar as diferentes razões e problemas que motivam a tristeza e contenda em vez de sentimentos de alegria e amor nas ocasiões natalinas. Algumas podem ser:

a. Assumir elevados encargos financeiros, que não poderão ser saldados com facilidade.

b. Salientar o valor das coisas materiais, ao invés dos sentimentos espirituais.

c. Planejar a execução de mais tarefas do que as que pode realizar.

d. Acompanhar as atividades dos amigos e vizinhos, ao invés de satisfazer as necessidades de sua própria família.

e. Permitir que diversos interêsses comerciais destruam a significação espiritual do Natal.

7. *Nossa família terá alegria e amor no Natal*

Com a ajuda de todos os membros da família, decida como desejam que o seu Natal seja. Inclua sòmente as coisas que *trarão alegria à sua família e salientarão o amor de um pelo outro.* Se fizerem isso, estarão comemorando o nascimento de Cristo de um modo que O agradará e mostrará seu desejo de guardar os mandamentos. O maior presente que poderemos oferecer-Lhe será viver sempre o modo de vida que Êle deseja.

Poderão enumerar nesta Noite Familiar as coisas que desejam ter, como parte de sua celebração. Eis algumas sugestões:

1. Planejar o meio para realçar a mensagem do Natal, freqüentando as reuniões sacramentais cada domingo dêste mês, de maneira a renovar a apreciação pelo amor que Cristo mostrou ao vir à terra, fazendo o que não poderíamos fazer por nós mesmos.

2. Planejar a oportunidade para coisas simples e agradáveis, como cantar músicas de Natal, etc.

3. Ajudar os filhos menores a contribuirem para a felicidade da família, apresentando shows com fantoches, histórias ilustradas ou dramatização de temas natalinos.

4. Ajudar os membros da família a prestar serviço a cada um, como engraxar os sapatos do pai, tomar conta do bebê enquanto a mãe vai à loja, ler histórias de Natal para os irmãos mais jovens, lavar os pratos, emprestar objetos para os membros da família, etc.

5. Retribuir graciosamente. Por exemplo, se alguém para quem você não planejou dar uma lembrança lhe dá alguma coisa, faça essa pessoa sentir-se feliz, mostrando seu contentamento, sem que se sinta obrigado a retribuir com outro presente.

6. Alegrar-se com o envio dos cartões de Natal, sem que isso se torne um fardo.

7. Ajudar os filhos a terem um senso de valor adequado sôbre suas expectativas, a despeito do fato de que seus amigos ganhem melhores presentes. Lembre-se que as crianças imitarão os irmãos mais velhos, se êstes compreenderem que o amor não pode ser comprado em lojas, mas pode ser mostrado por maneiras simples e modos carinhosos.

8. Planejar os arranjos festivos para a ocasião sagrada, usando os talentos de sua família, o que não custará muito dinheiro e trará muita alegria.

8. *O Espírito de Natal*

Para concluir esta lição de modo memorável, peça com antecedência a um membro da família para preparar a história sôbre o nascimento de Jesus, que se acha em Lucas 2:1-20 (e não Mateus 2:1-11). Mais uma vez, poderão cantar ou ouvir diversas canções natalinas.

9. *Oração*

Você talvez deseja uma orientação especial do Pai Celestial para esta ocasião, no que se refere aos esforços por mostrar apreciação pela vida e mensagem de Jesus Cristo, através de uma celebração alegre e apropriada do Seu nascimento.

A fim de bem executar os planos, siga detalhadamente o que planejou nesta noite familiar. Escreva no gráfico o seguinte:

Incluímos em nossos planos de Natal sòmente as coisas que trarão:
Alegria à nossa família
Ênfase no amor uns pelos outros.

Nota:

As outras noites familiares dêste mês deverão ser aproveitadas para se discutir os problemas que deverão ser resolvidos, a fim de que não ameacem seus planos de Natal. A decoração da casa e a preparação de algum prato especial também poderão ser feitos nessa oportunidade. Feliz Natal!

AULA PARA O DIA DE TRABALHOS DE DEZEMBRO

A FELICIDADE VEM DO TRABALHO

Winnifred C. Jardine

Objetivo:

Observar o efeito do trabalho na felicidade de uma pessoa.

Lição:

Trabalho! Que palavra firme e poderosa! É também uma palavra de muitos significados. Para alguns é terapia, para outros, assunto de orgulho ou dedicação, para outros é algo enfadonho. É importante que aprendamos a cultivar a alegria e satisfação que vem do trabalho bem feito.

Uma estudante universitária, trabalhando para custear seus estudos, costumava esfregar o assoalho com muita fôrça quando algo a afligia, que a família sabia que era ocasião de deixá-la sòzinha. Para ela, esfregar assoalho era terapia.

Madame Curie, depois de 847 experiências mal sucedidas na tentativa de isolar o radium, disse ao marido: "Se isto levar cem anos, será uma pena, mas não pararei de trabalhar enquanto viver." Seu trabalho era dedicação.

Uma notável imigrante suiça, de seus 70 anos, passava roupa para diversas famílias e respondia quando a cumprimentavam pelo seu trabalho, "Por que não? É a minha profissão." Para ela, o trabalho era orgulho.

Certa criança respondeu, quando perguntaram sua opinião sôbre o trabalho, "Eu preciso trabalhar, mas o que desejo é brincar." Para essa pequena alma, o trabalho parecia ser enfadonho.

O trabalho poderá ser uma alegria e uma tarefa de amor. Trará o sentimento de realização, de trabalho bem feito, de sucesso.

Parafraseando Eclesiastes, "há tempo de trabalhar e tempo de brincar." (Ec. 3:1-8) Obter tudo em seu próprio tempo contribui grandemente para a felicidade de uma pessoa. J. Edgar Hoover declarou que um dos maiores problemas entre pais e filhos consiste na obtenção dêsse sentimento. Os jovens desejam brincar e fazer o trabalho mais tarde — se houver tempo. Os pais desejam que trabalhem e brinquem depois. Ambas as situações conduzem à infelicidade.

Temos de aprender a trabalhar, se desejamos algo, e continuar o trabalho até que seja realizado. Esquemas, conselhos familiares, calendários, listas, designações são bons planos para podermos realizá-lo. Uma senhora sabe que o dia vai muito bem quando faz suas tarefas pela manhã, realizando a maior parte delas no início do dia. Depois disso, qualquer trabalho parece ir devagar. Para maior entrosamento, o trabalho deve ser feito antes e a diversão depois. Além de aprender a trabalhar em seu devido tempo, também é necessário aprender a trabalhar da maneira certa, usando os métodos mais eficientes e os instrumentos próprios. Tôda dona de casa executa suas tarefas de modo característico, baseado em suas experiências. Mas devem estar prontas para receber inovações e recomendações, experimentá-las e assimilá-las, se forem superiores.

Feliz é o lar onde os familiares aprendem a trabalhar juntos. Os pais iludem seus filhos, se não estabelecem um exemplo de felicidade no trabalho e se não os incluem em tôdas as experiências de trabalho. É mais fácil ensinar os filhos quando ainda são pequenos, deixando-os participar das tarefas e sentir a alegria de realizá-las; entretanto, não importa a idade dos filhos e sim o empenho e a realização que demonstram.

É importante que uma criança seja ensinada a trabalhar. Esse processo de ensino necessita ser contínuo e deve ser ministrado firmemente, mas com paciência e amabilidade. Aqui estão quatro passos que podem ser seguidos: 1. Definir o trabalho e explicar exatamente o que é. 2. Trabalhar com os jovens, até que aprendam o processo. 3. Verificar o trabalho terminado, certificando-se de que está bom. 4. Uma vez aprovado, resistir à tentação de fazê-lo novamente; deixe o trabalho finalizado permanecer como está. Muitas infelicidades e frustrações no trabalho, entre adultos e jovens, é devido ao não seguimento dêsses quatro passos.

Desde os dias dos Dez Mandamentos, quando o Senhor disse, "Seis dias trabalharás," ordenou ao povo que trabalhasse. O Apóstolo Paulo escreveu aos santos em Tessalônica, "... e trabalhar com vossas próprias mãos, como já vo-lo temos mandado" (I Tess. 4:11). Néfi, no Livro de Mórmon, compeliu o povo "a ser industrioso e trabalhar com suas mãos" (2 Néfi 5:17).

Nos primeiros dias da Igreja, o Senhor mais uma vez ordenou, através de Joseph Smith, "É minha vontade que vades e que não vos demoreis, nem sejais ociosos, mas que trabalheis com a vossa fôrça" (D&C 75:3).

O nosso atual profeta, Presidente David O. McKay também disse, "O trabalho traz felicidade e a felicidade é duplicada àquele que se põe a trabalhar."

Um alto e forte muro com um velho portão. Ao fundo uma toceira de bambús. Na rua sossegada, aguardando pacientemente a volta do tropeiro, alguns animais de carga. Um quadro típico do Brasil de muitos anos atrás, que é ao mesmo tempo uma recordação recente da infância de muitos de nós. Em alguns lugares do interior, mesmo nos dias atuais, encontramos êsse sistema de vida conservado em autênticos bolsões, onde o passado da Pátria realmente parece ter-se refugiado para não ser destruído.

Muito do que constitui nosso acêrvo de tradições, de costumes e até de nossa arquitetura, recebemos dos descobridores e colonizadores portuguêses, que fizeram da nova terra a sua Pátria. Os velhos casarões de paredes de taipa ou adobe, cobertos com telhas de canal em telhados graciosamente arqueados, os beirais largos e sombreados, os azulejos nas fachadas, as janelas numerosas, enfileiradas umas ao lado das outras em quase tôda a extensão das paredes externas, os muros altos e largos, protegidos da chuva em cima por telhas de canal; tudo isso herdamos da tradição lusitana.

De onde porém teria vindo aos antigos êsse costume de rodear suas residências de muros tão altos, franqueados por pesadíssimos portões? Resquícios talvez da época medieval, em que os homens se enclausuravam nos castelos murados e cercados de fundos fôssos para resistir aos ataques dos vizinhos belicosos? Necessidade de proteger-se contra ladrões num tempo em que a eficiência da polícia (quando polícia existia) era muito duvidosa, e cada qual tinha de adotar suas próprias medidas de segurança? Ou seria o arraigado sentimento de amor à família que levava os nossos antepassados a construírem suas casas com altos muros, isolando-as da maldade exterior, da qual pretendiam resguardar os seus?

Ainda que hoje, à luz dos padrões modernos, pareça estranho e quase bárbaro o procedimento dos antigos, não podemos deixar de admirar o seu extremo cuidado, a quase psicose em resguardar a família das influências perigosas do mundo exterior. Os quartos das donzelas chegavam a ser muitas vêzes desprovidos de janelas, comunicando-se internamente apenas com os aposentos dos pais. Os jardins eram autênticos páteos mouriscos, com suas fontes, pérgolas e veredas àvaramente escondidas atrás de altos muros. A vida da família desenrolava-se tôda por trás dessa proteção. As próprias crianças brincavam exclusivamente no quintal, que era igualmente rodeado de muros que deveriam ser tão altos que impedissem não só a entrada de estranhos, como até mesmo lhes vedasse a visão daquele mundo particular.

Os tempos mudaram. Atualmente a tendência é de se construírem casas abertas, com jardins sem grades nem muros. As moças trabalham, estudam e passeiam ao lado dos rapazes. Os meninos brincam com os companheiros da vizinhança, organizando-se em grupos, times e bandos barulhentos que enchem as ruas. Parece até que ninguém mais pensa em permanecer dentro de casa. O lar tem-se tornado para muitos, cada vez mais, apenas o lugar onde existe uma cama à sua disposição para dormir e a mesa onde as refeições são servidas gratuitamente. A vida mesmo, essa vive-se fora: na rua, nos jardins públicos, nos cinemas, nas praças de esportes.

Convém lembrarmos as lições da arquitetura do passado e construirmos um alto e forte muro ao redor de nossas famílias, guarnecido de um portão bastante resistente. Não mais um muro de adobe ou de pedras, nem um reforçado portão de madeira, mas uma proteção edificada de outro modo. Se ensinarmos a verdade pura do Evangelho às nossas famílias, se treinarmos nossos filhos na obediência aos mandamentos de Deus, se reunirmos nossos queridos em redor de nós nas "noites familiares" e distribuirmos a cada um as armas com que deverá lutar contra as insinuações e assaltos do adversário, teremos construído uma muralha ao redor de nossa casa, e o seu portão será o próprio Espírito Santo, que a todos sustenta nessa luta, deixando entrar sòmente o que possa ser de auxílio para o nosso fortalecimento, e repelindo o que nos possa ser nocivo. Teremos assim também um muro de amor e carinho atrás do qual os filhos possam brincar protegidos, estudar e trabalhar ao lado de suas mães, e tôda a família sentir-se feliz e protegida.

Um alto e forte muro com um inabalável portão para os nossos lares.

VELHO PORTÃO

Presidente Hélio da Rocha Camargo

(Fotografia feita pelo Pres. Beck no interior de Minas Gerais)

Andrus

Quem mais vai à California com apenas uma escala?

Ninguém.

PAN AM

A Pan Am é de longe o seu mais conveniente meio de viajar. Embarque no Rio. Escale no Panamá. Próxima parada: Los Angeles! E, de lá, direto a San Francisco.

Com apenas uma escala você vai a Miami: Pela Pan Am. E sem escalas, a Nova York. (Existem vôos especiais do Aeroporto de Congonhas, em São Paulo, que fazem conexões imediatas com êstes vôos). Onde quer que você vá com a Pan American você recebe especial consideração: a mais calorosa acolhida, a atenciosa cortesia e a soberba cozinha internacional da Pan Am. E ainda mais importante: você terá a satisfação de saber que escolheu a melhor: A Linha Aérea de Maior Experiência do Mundo. Reservas para todo o mundo, procure seu Agente de Viagens ou a Pan Am. Temos escritórios no Rio, São Paulo, Brasília, Belém, Belo Horizonte, Salvador, Curitiba, Recife, Campinas, Pôrto Alegre.

A Linha Aérea de Maior Experiência do Mundo

Primeira na América Latina... Primeira sôbre o Atlântico... Primeira sôbre o Pacífico... Primeira ao Redor do Mundo.

7 APR 1966